

SOS ANIMAL



Edna Cardozo Dias

ANIMAIS DE CONSUMO

CRIAÇÃO INTENSIVA

A criação intensiva de gado, galinhas e porcos torna-se cada vez usada na produção de carne, leite e ovos. Estes animais são criaturas que muitas vezes nunca viram a luz do dia, vivem em espaços pequenos e recebem doses maciças de hormônios e antibióticos para o crescimento e engorda.

A criação extensiva, o pequeno agricultor que cria o seu gado solto a pastar pelas terras já está ficando no passado.

GALINHAS: As galinhas passam até mais de dois anos em gaiolas tão pequenas que não podem mexer as asas, sem nenhum descanso para os pés. Recebem hormônios, luz ultra-violeta e acabam leucêmicas. Muitas morrem de estresse ou colapso. Pelo fato de viverem condições anti-naturais e estimuladas por luz artificial costumam comporta-se agressivamente umas com as outras ou deprimidas pelo tédio e frustração. Para prevenir a agressividade criadores cortam as pontas de seus bicos, pressionando-os contra um aço quente. Se feito sem perícia é uma operação extremamente dolorosa. As mutilações não são necessárias na criação extensiva.

PORCOS: A maior parte dos porcos é criada em total confinamento. O rabo é cortado porque o estresse do confinamento leva-os a morder o próprio rabo. Vivem em espaços pequenos com o mínimo de conforto. Muitos sofrem de obesidade, artrite e infertilidade. Os animais devem ser criados sem privações sociais ou qualquer outro tipo de privação.

GADO: Muitas vezes o gado é criado em locais superlotados, sem sombra ou abrigo para proteção contra o tempo. Sua dieta de alta caloria poderá causar-lhe acidez estomacal e abscesso no fígado. A má-nutrição e o estresse levam-no a contrair doenças, para cuja cura recebe doses maciças de antibióticos que permanecem em sua carne, o que é nocivo para o consumidor. Os hormônios, também, são muito nocivos à saúde dos carnívoros.

Para a carne de vitela, separa-se o bezerro da mãe com apenas alguns dias de vida é aprisionado em um local onde não pode se locomover, com o rabo cortado e um balde de focinho servindo de mordaca, só recebe alimentos líquidos para que sua carne fique branca e macia. Nem é preciso dizer que ficam anêmicos.

Isto tudo sem falar nas privações que sofrem durante o transporte e do cruel abate. O ideal seria que fossem abatidos perto do criadouro, inclusive porque tal medida evita a perda de peso do animal.

Defesa: Os defensores dos direitos dos homens e dos animais precisam se unir para alertar a consciência de cada um e da sociedade, pois o grande público ignora as condições reais da criação dos animais de consumo. A Liga de Prevenção da Crueldade contra o Animal está agindo porque deseja que o consumidor se nutra de produtos derivados de uma criação não poluente, apesar de rendosa, e que respeite as necessidades fisiológicas e comportamentais dos animais.

É ao consumidor que cabe se opor a estas práticas. A criação industrial, embora ilegalmente, vem usando técnicas que se utilizam de drogas que alteram a qualidade do produto, cuja absorção pode se tornar perigosa. A saúde do homem está ameaçada por estas substâncias. Lutar contra a criação industrial é defender os

direitos do homem particularmente do Terceiro Mundo, é defender os direitos do animal; é defender os direitos do produtor que quer vender produtos de qualidade; dos direitos do camponês que deseja permanecer ligado à terra; é fazer uma aliança entre produtor-consumidor. Mas, são interesses financeiros que estão em jogo. Jogo de grandes sociedades agro-alimentares multinacionais que transformaram os criadores independentes em proletários dependentes delas. Os criadores se tornaram vítimas de um sistema que reduz o animal a um objeto, agrava a fome no mundo e arruina o pequeno camponês. Ora 1/3 dos cereais do globo é destinado a alimentar animais de consumo dos países ricos.

Enquanto se desenvolve a fome nos países do 3º Mundo nos países ricos o super consumo de alimento carnívoro aumenta espetacularmente o número de doenças cardiovasculares. Só uma lei em escala mundial poderá por fim a este escândalo.

Muitas pessoas se tornaram vegetarianas como forma individual de protestar contra os maus tratos na criação, transporte e abate de animais.

Mas, quem não for vegetariano, poderá, pelo menos, pensar em qual animal sofre menos antes de adquirir produtos de origem animal.

Lucro: A Liga de Prevenção da Crueldade contra o Animal vem lutando exaustivamente por uma vida mais humana para os animais de consumo. Ora, é preciso que o criador possua não apenas as qualidades profissionais, mas, também, as do coração, que possua uma consciência profissional e uma consciência humana. Mas, o que verificamos é que o criador brasileiro só vê no animal um objeto de rentabilidade e é incapaz de fazer uma distinção entre um ser vivo e outras mercadorias. As razões econômicas e o lucro ignoram as leis e os mais elementares princípios morais.

Bibliografia consultada:

Farm Animals - Humane Society of the United States
Revista da “O euvre D’ Assistance des Bêtes D’ Abattoir”

O PORCO, COITADO, NÃO TEM MESMO VEZ

Durante milênios, o homem teve uma associação estreita com os animais. Domesticou-os e vivia com eles. Esta relação homem/animal mudou, radicalmente, nas últimas décadas, com o desenvolvimento da tecnologia. A vida dos animais de consumo mudou por completo. Eles já não usufruem de pasto, liberdade de movimento, não podem correr, limpar-se, sentir a terra em suas patas e nem cuidar de suas crias. A vida lhes é negada e o ar que respiram é viciado e irritante. São mantidos em jaulas pequenas e áridas, onde são concebidos artificialmente, crescem, são desdentados, engordados e enviados a seu destino, o matadouro. Este sistema de confinamento total é um campo de concentração, onde é possível criar muitos porcos em pouco espaço. Tudo é automático para economizar mão-de-obra, possibilitando a um só homem vigiar os animais.

O SUPLÍCIO DOS PORCOS

Para economizar trabalho e tempo, as porcas são inseminadas artificialmente e conduzidas a uma jaula estreita, onde ficam presas com correntes curtas e são mantidas na escuridão para se acalmarem. A comida é servida a cada dois ou três dias e lhes dão a metade da ração para aumentar o lucro. Depois de 16 semanas, pouco antes de nascerem os filhotes, são levadas a outra jaula, onde há mais restrições. Lá são obrigadas a manter uma só posição para que suas tetas estejam expostas aos leitões. Com três semanas, os leitões são separados, desdentados e enviados a outra instalação e postos em jaulas coletivas. Cortam-lhes os rabos, os dentes caninos e os castram, para, depois, conduzi-los a jaulas individuais. Duas ou três semanas após o parto, a mãe regressa à área de inseminação, onde recebe doses maciças de hormônio para entrar no cio novamente.

O ESTRESSE

Os animais não têm alívio para o tédio e falta de movimento. Quando há luta entre eles, os menos agressivos não podem escapar e nem mostrar a seus agressores os sinais de submissão. Muitos sentem tanto medo que não se atrevem a se mover, outros chegam a morder as barras de ferro das jaulas. A carne desses animais é pálida e gelatinosa, contém muita água e adrenalina, não é passível de uma boa sangria após o abate e se decompõem rapidamente. As patas dos animais confinados sobre pisos de concreto desenvolvem lesões dolorosas, ocasionando pressão sobre os músculos das pernas, joelhos e ombros, o que vem causar artrite. Além disso, um ambiente fechado pode ser um foco de contaminação por microorganismos. Os animais em confinamento total têm pouca resistência às bactérias, o que leva à administração de antibióticos na comida e na água. Para que comam mais, lhes dão arsênico e para engordar lhes dão hormônios.



O porco não é um animal sujo e apático. Em liberdade, é absolutamente ativo durante o dia, mantém sua cama limpa e tem grande instinto maternal. É inofensivo, adaptável e interessado por tudo que o rodeia. Pode, inclusive, aprender o seu nome. é, portanto, muito mais que carne, é capaz de sensações conscientes e aspira a uma vida conforme as leis de sua espécie.

Esta é uma tradução resumida de “La voz de los animales”, publicada no boletim da Asociacion de Lucha para Evitar la Crueldad com los Animales - México.

CORRIDA DE PORCOS

“Pigmalion está na frente. Hantrak está em segundo lugar, com Flying. Frank é o terceiro. Boaris Karloff vem avançando. Pigmillion atinge a meta final”. Sob os gritos da multidão excitada o vencedor saboreia o bolo de chocolate, que é o troféu do vencedor. Estamos assistindo a uma corrida de porcos, nos EUA. Ao contrário das corridas de cavalo, o ticket das apostas é gratuito. É o 10º ano que as corridas acontecem, de Ohio a Iowa.

No treino para as corridas é usada a mesma técnica que Pavlov inventou para treinar seus cães. Os porcos ficam presos. Abre-se um portão, enquanto uma tigela de comida é colocada na linha de chegada. Toca-se um sino e os porcos correm para a comida. Os animais são forçados a repetir a operação de 20 a 25 vezes, três vezes ao dia. Depois de quatro dias, os porcos aprendem o jogo. Em um típico dia de trabalho são realizadas 22 corridas, cinco porcos para cada corrida, cada um correndo quatro ou cinco vezes. Um quadro enumera o número de vitórias de cada animal e o melhor tempo dos cinco primeiros colocados em cada corrida.

Na corrida de obstáculos, os porcos precisam saltar até dezesseis barras. E para aprenderem a fazê-lo, depois de submetidos a muita fome, o alimento é colocado após a barra, para obrigar o animal a saltar em busca da comida. Por razões desconhecidas as fêmeas parecem ser melhores corredoras e saltadoras, que os machos. Mas, a estrela, depois da fama já tem o seu destino selado: depois de uma trégua para produzir filhotes recebe o seu ticket de entrada no matadouro.

Isto demonstra que o homem é um animal carnívoro agressivo, capaz de reduzir os animais a vítimas patéticas de grandes negócios, e possui inusitada capacidade de racionalização. O homem vem abusando de seu domínio sobre os animais e menosprezando seus sentimentos.

O vegetarianismo, o respeito à vida e a não-violência, eis a nossa luta.

ATÉ AS GALINHAS SOFREM

A criação intensiva de aves é uma revolução recente, tem menos de 50 anos e começou pouco antes da II Guerra Mundial, nos EUA, quando os criadores se empenharam em especializar-se em criar aves e produzir ovos para o governo e o exército. Ministrando vitamina A e D às aves, descobriram que era possível criar um grande número delas dentro de grandes instalações. Com a adição das vitaminas, determinaram que os animais não necessitariam mais de sol ou exercício para que os ovos se desenvolvessem. Com essas teorias, começaram a construir grandes instalações para produção em grande escala. Com o descobrimento dos antibióticos, julgaram que essas aves podiam viver sem sucumbir a enfermidades que uma vida tão insalubre lhes impunha. Assim, doses maciças de antibióticos foram acrescentados diariamente em sua água e comida...

O ESTRESSE E AS ENFERMIDADES

As galinhas que são mantidas em condições naturais ao ar livre podem viver de 15 a 20 anos, mas as que se encontram enjauladas na criação industrial só vivem cerca de um ano e meio. Sua capacidade para produzir ovos é diminuída pelo estresse e monotonia que lhes causa o confinamento. Quando já não é proveitoso mantê-las, são retiradas das gaiolas e a força são lançadas em outros engradados e levadas num caminhão, durante longo e penoso percurso, até avícolas, onde serão abatidas. Se tiverem sorte, um cutelo especial as insensibilizará antes que sejam introduzidas num caldeirão de água fervente para, finalmente, serem convertidas em comida processada para animais e pessoas.

As aves confinadas sofrem agressões das outras aves. Há brigas entre elas e as menos agressivas não podem mostrar submissão como se lhes dita a natureza. Algumas vivem tão amedrontadas que não podem sequer mover-se para comer ou beber; encolhem-se e morrem. Outras permanecem em contínuo movimento e pânico neuróticos. Há gaiolas em que as aves não podem sequer esticar as asas e a cabeça e têm que permanecer agachadas em postura antinatural.

O bico das aves poedeiras é cortado duas vezes. Primeiro quando tem uma semana, depois, na 12ª ou 20ª semana. Para baratear o custo, recomenda o criador fazer-se 15 aves por minuto. Um cortador muito quente causa feridas em seus bicos; um outro muito frio causa úlcera na raiz do bico... Ademais, línguas cortadas ou queimadas são muito comuns. Alguns criadores cortam-lhes, também, os dedos de suas patas, para que não possam usar suas garras.

O ambiente das aves na criação industrial é um antro de contaminação e micróbios. As aves sofrem com os gases fortes de amoníaco que emanam das toneladas de fezes, que atraem ratos e insetos. Desenvolvem problemas em suas patas e pernas, devido ao fato de se encontrarem paradas sobre pisos de arame, que deformam sua anatomia natural.

O CUSTO PARA NOSSA SAÚDE

Já é comprovado cientificamente que a adição sistemática de hormônio, antibióticos e drogas na alimentação e nosso sangue, têm consequências graves para nós. Há enfermidades que já não respondem aos antibióticos como antes, entre elas pode-se citar a septicemia, pneumonia, o tifo, a meningite, e certas doenças venéreas.

A CRIAÇÃO INTENSIVA

Nos países que pertencem à Comunidade Econômica Européia há um regulamento, desde 1985, que obriga que em cada caixa de ovos haja a inscrição: “Ovos de Galinhas Enjauladas” ou “Ovos de Galinhas em Liberdade”. A Suíça foi o primeiro país a fazer desaparecer progressivamente o sistema de criação de galinhas em bateria. Foi aprovada lei que obrigou a reconversão dos criadouros de criação intensiva, até 1991, em criação extensiva, onde todas galinhas estarão livre, com suas patas na terra. A Alemanha Ocidental e a Suécia têm seguido essa política e se espera que todos os países da Comunidade Econômica Européia sigam-lhe o exemplo.

Bibliografia consultada:

La Voz de los Animales nº 55, 1987, tradução de Deise Jankovic

AS MAZELAS DA CRIAÇÃO DE BOIS

Na América Central e América do Sul a indústria de carne vem destruindo as florestas tropicais. A agroindústria tem obrigado milhões de pássaros, macacos e outras espécies a abandonarem seu habitat, com a derrubada das matas. Muitas das espécies estão sendo dizimadas com a destruição do ecossistema.

Os matadouros são grandes poluidores de rios e lagos, derramando neles resíduos venenosos e restos de animais. A criação de gado e outros animais exige mais tempo, terra, energia e água que o necessário para produzir o alimento equivalente em vegetais. Uma dieta vegetariana pura possibilitaria alimentação a uma população maior que a existente nos dias de hoje. Entretanto, com uma dieta puramente carnívora seria impossível alimentar toda a população da Terra. Em 1984, 40% do grão produzido no mundo foram utilizados para alimentar os animais em regime de criação intensiva, nos países desenvolvidos. Se os mesmos grãos tivessem sido destinados à alimentação do ser humano, teriam sido suficientes para alimentar toda a terra. Isto, sem esquecer que o Brasil vem exportando grande quantidade de grãos, enquanto seu povo morre de fome. A injustiça social e a destruição do meio ambiente caminham lado a lado.

A criação de bovinos no Brasil tem sido responsável pela fome, pelo desemprego e a desertificação. O solo é calcinado pelo fogo durante a estação seca, o pasto não é considerado cultura, e portanto, não recebe adubação e manutenção do solo. Os pastos queimados são susceptíveis à erosão do solo, perdendo sua produtividade e a qualidade e prejudicando a alimentação e saúde do gado. O uso do fogo e a falta de manejo do gado levam ao desemprego e ao êxodo rural, à destruição das florestas, da fauna e dos recursos da água e do solo.

A pecuária moderna confina o animal em pequenos espaços e estimula seu crescimento com doses maciças de hormônios. Fora a crueldade a que são submetidos os animais este sistema contamina o produto com resíduos de antibióticos e hormônios cancerígenos.

Para a criação de gado sem agressão ao meio ambiente deveriam ser aproveitadas as pastagens naturais como os pampas gaúchos e os cerrados do centro-oeste do País.

O abate clandestino e a saúde - Os abates clandestinos são feitos, a todo momento, a céu aberto, em qualquer local: pasto, curral, estrada. São feitos pelos próprios açougueiros. Utilizam folhas de bananeiras ou panos para forrar o chão. O boi leva uma machadada na cabeça e fica tonto, troca as pernas e cai. Um facão é enfiado no pescoço do boi e o magarefe pula em cima do lombo do animal para fazer o sangue sair mais rápido. Do lado fica um tanque para onde escorrem as fezes, o “chorume”, um caldo esverdeado de

excrementos. O chorume escorre por debaixo do boi abatido e os mosquitos rondam por toda parte, pousando nas poças de sangue. O animal é eviscerado e esquartejado no chão, sem nenhuma higiene. São abatidos animais doentes e esquartejados outros já mortos.

O transporte da carcaça é feito em carros próprios do açougueiros, exposta ao tempo. No abate clandestino não há qualquer fiscalização “antimortem” do animal, nem tampouco no transporte da carcaça e na comercialização. Também, não é feito o exame “pós-mortem” dos animais, expondo o consumidor ao risco de zoonoses, como cisticercose, tuberculose, etc... Desta forma, o açougueiro não paga ICM e o consumidor compra uma carne suja e contaminada.

OS ABUSOS NO PROCEDIMENTO MODERNO

Transporte: Condições deficitárias, falta de espaço; escassez de empregados competentes; falta de cooperação na provisão de alimentos e água; medidas deficientes para uma descarga segura.

Mercado: Infecção causada por contato com outros animais enfermos, tratamento brutal dos empregados; falta de água limpa e comida adequada, cólicas por excesso de alimento antes do transporte ao mercado para obtenção de maior peso.

Matadouros: Falta de espaço; falta de empregados eficientes; separação adequada; comida e água deficitárias, perturbações causadas por ruídos ou tratamento negligente, proteção inadequada contra os extremos climatológicos.

Exame anti-mortes: Inspeção pouco efetiva pela escassez de peritos, falta de tempo para um exame detalhado.

MÉTODOS DE ABATE: ARCÁICOS E CRUÉIS

Sangria: Hemorragia interna pelo retardamento da sangria, sangria imperfeita por estar o animal consciente, locais infectados por micróbios, sobretudo em locais, cujo abate é clandestino e no frígomato (onde os animais são mortos e derrubados em cima de dejeções fecais e a carne fica infestada de moscas).

Abusos nos processos de matança:

- Tombar animais plenamente conscientes com cordas ou correntes antes da matança.
- Pendurar animais vivos inteiramente conscientes por uma das patas, procedendo à sangria, sem qualquer insensibilização.

OS ABUSOS NA MATANÇA

Histórico - No Brasil, antes do Mercosul exigir uma legislação que adote métodos humanitários de abate, eram permitidos os seguintes métodos de matança:

1. *Seccionamento dos grandes vasos sem nenhuma insensibilização:* Os animais de pequeno porte são suspensos de cabeça para baixo, por uma das patas e têm os vasos do pescoço ou base do coração cortados a faca. O animal inteiramente consciente, fica tenso de pavor pelo tratamento brutal e cheiro de sangue dos companheiros. Se cair na poça de sangue é dependurado novamente. Eles se debatem deslocando coxo-femorais, articulações, etc.

2. *Insensibilização antes da sangria:* no caso de animais de grande porte, para segurança dos funcionários, a Marreta, instrumento milenar, é comumente usado. Como o cérebro do animal é de tamanho reduzido, o golpe que exige precisão é falho, atingindo chifre, olho focinho. Na prática verificou-se que um marreteiro precisa desferir de dois a seis golpes para derrubar o boi. O Bulbo Choupa consiste no seccionamento da medula alongada, na altura da nuca do animal (espaço atlanto-occipital) por meio de instrumento semelhante

a uma lança. Este método reduz o ritmo respiratório e prejudica a sangria. A jugulação cruenta, método israelita é muito cruel. O boi é degolado, enfiando-se os dedos em seus olhos ou narinas para torcer o pescoço e pendurado consciente, para sangria. Tem que sustentar centenas de quilos, em intenso sofrimento e dor causado pelo corte da garganta e pela posição a que está submetido, até que sobrevenha a morte.

CONSIDERAÇÕES HIGIÊNICAS

Para os especialistas da Organização Mundial de Saúde o estado físico e psíquico do animal no momento do abate influi na qualidade da carne. Afirmam eles que o “estresse” deve ser abolido no momento da morte, porque causa diminuição da taxa de glicogênio muscular, importante na formação de ácido lático, que por sua vez é necessário para obtenção do PH ideal da carne (5,6 a 6,2), e assim diminuir o crescimento de bactérias responsáveis pela putrefação. A agonia prolongada acumulará toxinas que se depositam no produto final causando certos tipos de câncer no consumidor. Não podemos deixar de citar a contaminação do sangue e do corte provocado pela sangria, motivada pela rejeição de materiais estomacais e dejeções.

CONSIDERAÇÕES ECONÔMICAS

O abate humanitário diminui a perda do produto, os acidentes de trabalho e aceleram o ritmo de produção dos estabelecimentos de abate. Estudos feitos nos EUA constataram que a sangria feita em animal consciente causa perda econômica de U\$ 1,50 por cabeça, como resultado da condenação de parte da carne apresentada com lesões com prejuízo de milhares de dólares anuais. Os acidentes de trabalho ocorrem em dobro num ritmo de 26,7 homens/hora ao invés de 13,4. Com as técnicas modernas também se verifica maior número de animais/hora abatidos.

CONCLUSÃO

Os animais devem estar descansados, descontraídos, e relaxados não só na hora do abate, mas nas horas que antecedem a sua morte. Devem ser manuseados corretamente, por pessoas adequadamente selecionadas e treinadas a fim de poupar-lhes medo, sofrimento e excitação. O Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária dos Produtos de Origem Animal, no Brasil, exige a insensibilização antes do abate. O que falta é o cumprimento da lei.

Bibliografia consultada:

El Bienestar de los Animales Sacrificados para la Produccion de Carne - WSPA - Folheto da SOZED.

O QUE É ABATE HUMANITÁRIO, SEGUNDO A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE?

É aquele que torna inconsciente os animais, previamente à sangria, e esta insensibilização é instantânea e eficaz.

Podemos dividir os métodos de insensibilização modernos em três tipos:

- Químicos (Gás - CO-2);
- Elétrico (Choque Elétrico);
- Percussão mecânica.

O químico e o elétrico são mais indicados para animais de porte pequeno como: suíno, ovinos, caprinos e também bezerras.

A insensibilização pelo CO-2 ou Dióxido de Carbono (que é um gás inodoro e incolor, e não inflamável), é um processo altamente eficaz em julgado por experimentações feitas no homem, a perda de consciência é rápida e total (estudos do Prof. B.H.C. Matheus - The Physiological Laboratory, Downing Street, Cambridge 7.1.53).

Elétrico - É a passagem da corrente elétrica pelo cérebro do animal.

Percussão mecânica - Consiste na utilização de armas especiais que munidas de um cartucho propulsionam um êmbolo central que penetra instantaneamente no cérebro do animal. A arma é sempre encostada na cabeça, no ponto indicado. A rã entra imediatamente em coma cerebral e está pronta para ser sangrada.

GASTRONOMIA CRIMINOSA

Se há um exemplo de gastronomia criminosa, este é o consumo de coxas de rãs.

Quando a noite cai - na hora de entrar em ação - as rãs são capturadas, sem nada compreender. São empilhadas em sacos, que, quando cheios, são bem amarrados em carros ou bicicletas, fazendo-as conhecer as primeiras consequências do domínio do homem. Muitas poderão estar mortas na chegada, mas todas morrerão. Algumas receberão choques elétricos no crânio e suas peles servirão para produzir pulseiras e bolsas. Outras serão cortadas ao meio, sem anestesia, inteiramente conscientes, com faca de cozinha, para serem servidas em restaurantes, como prato fino. A mutilação não as torna inconscientes; a cabeça e o dorso ainda vivos, são descartados e o animal pode levar mais de uma hora para morrer. O sistema nervoso central dos anfíbios difere dos mamíferos e o animal é tolerante à falta de oxigênio, podendo agonizar horas pela perda de sangue e trauma.

Por outro lado as rãs são capturadas em áreas de plantação de arroz, cana de açúcar, etc., onde se alimentam de insetos, evitando pestes. E como resultado da captura das rãs verifica-se a proliferação de pragas e o uso indiscriminado do DDT, além do aumento da incidência de encefalite e malária, nas crianças.

No Brasil, usa-se, também, o congelamento da rã viva ou jogá-la viva na água fervendo, como se faz com a lagosta e camarões.

O Brasil é um dos países exportadores de rã, ao lado da Índia, Bangladesh, Indonésia, México, Filipinas e Tailândia. Em 1986, a Índia organizou a 1ª Conferência Mundial sobre o Comércio de Coxas de Rãs, e preconizou como método humanitário de abate, o choque elétrico.

Mas, como a ciência, ainda, não comprova tal método como humanitário, a Liga de Prevenção da Crueldade contra o Animal e entidades internacionais se opõem a esse tráfico, por motivos humanitários e ecológicos e propõem moratória para a captura e abate de rãs, até que técnicas comprovadamente humanitárias sejam descobertas.

Bibliografia consultada:

Animals International nº 20 - 1986 - pg. 10 e 11

Animals International nº 19 - 1986 - pg. 7

Animaux Magazine nº 132 - 1985 - pg. 17 e 19 - Bougrain-Dubourd Allain

PATÉ DE FOIE GRAS

Para a produção do paté de foie gras, alimento caríssimo, que não chega à mesa do povo, milhares de gansos são alimentados mecanicamente até que se produza uma estamose hepática, considerada como uma doença do fígado. Os animais recebem superalimentação até que seu fígado se dilate até o triplo do seu tamanho natural. Passados três meses as pernas do animal podem fraturar pelo excesso de peso e pela imobilidade. Seus principais produtores são a França e a Hungria.

CARNE DE VITELA

Bezerros recém-nascidos, durante três meses recebem apenas alimento líquido e ficam imobilizados em pequenos boxes, para que sua carne fique bem macia. Como ficam estressados e mordem as grades e o próprio rabo são metidos em focinheiras. São abatidos ainda na primeira infância para a produção de carne tenra.

Você tem realmente esta fome?



ANIMAIS DE LABORATÓRIO

A CRUELDADE DA VIVISSECÇÃO

Você sabe o que é vivissecção? É o ato de praticar toda sorte de operações em animais vivos com o objetivo de executar experimentos em nome da ciência.

A vivissecção é, ainda, autorizada e tolerada na maior parte dos países, sob a condição de se suprimir o sofrimento dos animais utilizados. Na realidade, costuma-se negligenciar estes deveres elementares de humanidade.

As vítimas: cães, gatos, macacos, coelhos, cobaias, ratos, camundongos, etc., são submetidos a provas cruéis e abandonados sangrando, feridos, queimados, até que a morte venha terminar com esse suplício.

Para que serve? A vivissecção é um perigo para a saúde do homem e uma crueldade para com os animais. O único meio de se fazer progredir a ciência é estudar as causas e efeitos de uma doença na cabeceira do próprio doente.

O sadismo: alguns dos experimentadores são sádicos, como provam seus atos e suas personalidades agressivas e necrófilas.

O proveito e a ambição: o proveito é evidente. Muitos experimentadores não são especificamente sádicos, mas os experimentos representam para eles um meio cômodo de publicar inúmeros artigos e fazer carreira. Eles se tornam professores universitários sem grandes esforços intelectuais, já que o avanço profissional depende do número das publicações e não da qualidade. Existem pesquisadores honestos que querem abandonar os métodos vivisseccionistas, mas estão dominados pela rotina e pelo temor de desagradar aos superiores.

Pelo bem da humanidade: é em nome desta mentira que os experimentadores a praticam. É incontestável que as conclusões tiradas da vivissecção são, geralmente, sem valor para o homem, em virtude das diferenças fisiológicas e bioquímicas entre as espécies. A talidomida, por exemplo, é teratogena no homem, coelho, babuíno e não é no rato e no macaco. A cortisona é teratogena no camundongo e no coelho, a aspirina é teratogena no rato e no macaco, a adrenalina e insulina são teratogenas nos ratos e camundongos e não são para o homem. Poderíamos continuar indefinidamente e demonstrar a inutilidade dos experimentos com animais.

É preferível experimentar nos animais que nos homens: isto é o que se diz, mas os experimentos continuam com os homens, muitas vezes com farto noticiário na imprensa, como é o caso da menina que recebeu coração de macaco e o homem do coração de plástico.

Anestesia: uma mentira dos pesquisadores. Os pesquisadores só costumam aplicar anestesia nos animais nas operações cirúrgicas em virtude de comodidades evidentes. Mas, a maioria dos experimentos são realizados sem anestesia para não alterar as funções orgânicas e perturbar as “pesquisas”. E como aplicar anestesia em um animal que sofre uma experiência durante dias e semanas?

A vivissecção deve ser abolida: sua abolição será um grande passo no domínio do progresso moral e científico e contribuirá para extinguir a idolatria da violência e da força brutal.



COSMÉTICOS, TABACO E ÁLCOOL

A alternativa para tais testes é simplesmente não fazê-los, já que podem ser usados ingredientes que são reconhecidamente inofensivos, através da experiência humana. Muitas empresas produzem produtos cosméticos, que não foram testados em animais e são seguros para a saúde humana. É incrível que os animais, ainda, estejam sendo utilizados para testes de cigarro e álcool, quando se sabe há anos os danos que tais produtos causam à saúde humana.

DRAIZE EYE IRRITANCY TEST

Shampoos, pesticidas, herbicidas, produtos de limpeza e da indústria química são testados em olhos de coelhos conscientes. Este teste existe desde 1944. As substâncias são testadas nos olhos de coelhos albinos presos em aparelho de contenção, que não recebem sedativos para aliviar a dor, sendo que o teste dura vários dias, durante os quais a córnea e a íris são examinadas para se verificar a ulceração, a hemorragia, a irritação, a inchaço, e a cegueira. O Draize Test é também condenado cientificamente, pois os olhos dos coelhos são estruturalmente diferentes dos olhos humanos.

LD 50, DOSE LETAL EM 50%

Introduzido em 1927, consiste em administrar aos animais uma dose de produtos tais como pesticidas, cosméticos, drogas, produtos de limpeza e verificar a toxicidade, com a morte de 50%. A forma comum é a ingestão forçada por via bucal, usando-se um tubo, que vai até o intestino. Outras formas incluem injeções, inalação forçada de vapores e aplicação de substâncias na pele. Os sinais de envenenamento incluem lágrimas, diarreia, sangramento dos olhos e boca, convulsões. Não se dá medicamento para aliviar o sofrimento dos animais. Os resultados variam de uma espécie para outra e de indivíduo para indivíduo.

EXPERIMENTOS NA ÁREA DA PSICOLOGIA

Muitos dos mais cruéis experimentos se realizam na área da psicologia, no estudo comportamental. Estes experimentos incluem privação da proteção materna e privação social, na inflicção de dor para observação do medo; no uso de estímulos aversivos como choques elétricos para aprendizagem e na indução dos animais a estados psicológicos estressantes. Os animais são, ainda, submetidos a operações para retirada de parte do cérebro para observação das alterações comportamentais. Os choques elétricos, a dor, a privação de alimento e água são usados para a aprendizagem. A indução ao estresse é utilizada para testar drogas já conhecidas como anti-depressivos, soníferos, sedativos, estimulantes e tranquilizantes.

EXPERIMENTOS ARMAMENTISTAS

Os animais são submetidos a radiações de armas químicas e biológicas, assim como às descargas de armas tradicionais. São expostos, ainda, a gases e baleados na cabeça, para estudo da velocidade dos mísseis.

Usa-se a desculpa de que tais testes são feitos por razões defensivas, mas na realidade sempre podem ser usados com propósitos ofensivos. E não se justifica o uso de animais para a guerra, cuja única responsabilidade cabe à espécie humana. Não se justifica infligir dor ao animal com o propósito de nos destruir a nós mesmos.

Outros testes absurdos são aqueles que pretendem demonstrar fatos já conhecidos, devendo-se usar métodos modernos como o computador e o vídeo. O uso de curare como anestésico, também, é muito cruel, pois o animal fica paralisado, mas inteiramente consciente e sensível. Costuma-se, ainda, usar um mesmo animal para mais de um experimento, assim como para experimentos prolongados, o que é inadmissível.

EXPERIMENTOS EM INVERTEBRADOS

Grande parte daqueles que desejam evitar e abolir o sofrimento animal, têm concentrado sua atenção em mamíferos e pássaros, principalmente pela sua afeição ao ser humano e sua beleza. O homem, ainda, hesita em estender os direitos do animal aos invertebrados.

O mundo abriga diversas espécies de animal, a maioria invertebrados.

Para muitas pessoas a aparência alienígena dos invertebrados não os faz candidatos à compaixão. Mas, a sua aparência não deveria afetar nossa ética de julgamento. JS Baker, D Sc (Oxon) FRS, que desenvolveu experiências em lagostas e caranguejos é quem diz:

“Os invertebrados parecem superficialmente tão diferentes de nós que há uma tendência em supor que eles não possuem consciência e de pensar que devemos tratá-los como máquinas. Muitos deles, entretanto, possuem sistema nervoso e sensorial, e suas células, vistas sob microscópio, são similares às nossas”.

Os polvos e a lula são muito usados em experimentos. São submetidos a dolorosos experimentos neurológicos e comportamentais, inclusive treino para desenvolvimento de tarefas usando-se choques elétricos como punição, também choques elétricos com destruição de partes do cérebro são aplicados. Os animais exibem evidentes sinais de conflito mental e emocional, adotando posturas anormais e mudando a cor.

Outro exemplo se deu no Queen Mary College, Londres, onde abelhas foram imobilizadas em argila modelada e um buraco foi feito em seus cérebros, onde se injetou drogas, matando-as para estudo de canais nervosos.

Sob a desculpa de que os invertebrados agem automaticamente e não são capazes de sentir, os vivissectores dão choques elétricos, agulhadas, etc., em amebas, vermes, águas vivas, como castigo e comida como recompensa, no desenvolvimento de seus experimentos.

É verdade, que devido à sua vida tão curta os invertebrados têm uma curta aprendizagem e seu repertório inato de comportamento é, sobretudo, o reflexo. Mas, muitos invertebrados têm demonstrado capacidade de aprendizagem.

Não será surpresa quando a ciência confirmar que os invertebrados sentem dor e são capazes de sofrer, porque a dor é um fenômeno biológico, associada com a destruição de tecidos, condiciona o animal a evitar tudo o que lhe cause dor. Qualquer pessoa pode chegar a esta conclusão observando o animal em seu ambiente natural. De qualquer forma, como é impossível dizer o que o outro ser está sentindo (inclusive o ser humano), deve-se dar ao animal o benefício da dúvida.

Considerando, ainda, que os invertebrados constituem 96% da população do planeta, as entidades de proteção ao animal devem assegurar que os direitos do animal se estendam a todos os animais, vertebrados ou invertebrados.

Bibliografia consultada:

Buav Factsheet - British Union for the Abolition of Vivisection

Tradução resumida de Edna Cardozo Dias

OS ANIMAIS EM PROGRAMAS ESPACIAIS

A era espacial começou em 1957 com o lançamento do Sputnik I e, em como todas as outras áreas do progresso científico, os animais foram usados, sobretudo em vôos que apresentam risco de vida. Muitos animais foram usados, os EUA preferiram os primatas e os russos os cães.

Entre 1950 e 1954 o programa de balões estava no apogeu e ratos, gatos, cães e macacos eram lançados a altitudes imensas por período de 28 horas. No primeiro foguete lançado, viajou o macaco Albert, preso em um pequeno cone, que morreu no lançamento por falha do sistema.

Albert II foi preparado para vôo similar e embarcou totalmente amarrado com fios de nylon, com agulhas fincadas nas pernas e peito, para gravar as batidas do coração, e uma máscara na cara, tudo para que seus primos homo-sapiens mostrassem sua perícia. Albert II morreu por falha no sistema de aterrissagem. Outros animais morreram e Baker e Abel, macacos rhesus, foram parte de uma viagem espacial bem sucedida. Amarrados, com roupas espaciais, eram alimentados por tubos colocados até seus estômagos. Abel morreu cinco dias depois da chegada, quando se retiravam as agulhas de seu peito e Baker está vivo, assentado em sua gaiola de metal. Os humanos astronautas recebem medalhas e os animais recebem sentença de morte ou de prisão perpétua.

Enquanto isso os russos estavam preparando seu primeiro cão para vôo, Layka. Antes de 1960, 40 animais foram lançados em vôos. Bugrov e seus companheiros lançavam cães no ar, com roupas espaciais e a 110 km e 3 minutos depois da partida o cone onde estavam os animais se separava, os pára-quadras se abriam e os animais aterrorizados, sem nada compreender, desciam. Os atuais lançamentos dão aos cientistas a oportunidade de acumular cada vez mais abusos, com estudos psicológicos e de gravidade. Ratos, porcos, macacos são colocados em maquinários sofisticados para medir pressão, controle de temperatura, funções do fígado, colocados em vácuos. E agora serão usados pelos russos para desenvolver sistemas biológicos de futuras naves interplanetárias a fim de suprir os cosmonautas com alimentos frescos durante os vôos de longa duração.

OS ANIMAIS EM PESQUISAS DENTÁRIAS

As pesquisas dentárias em animais têm tido pouca publicidade. Macacos, ratos, camundongos e cães têm sofrido dolorosos experimentos e morrido.

Ratos são alimentados por 21 dias com açúcares e bactérias são introduzidas em suas bocas para decomposição dos dentes. Os animais são mortos e as cabeças são removidas para estudo do desenvolvimento da cárie. (Archives of Oral Biology - 1981, vol. 26, p. 625)

Filhotes de macacos rhesus são alimentados com dietas de doces por dois anos, para testes de vacina contra cárie. As raízes dos dentes enfraquecem, com a dieta usada, fixados nos maxilares com cimento dentário, por até 62 meses, quando os animais são, então, mortos e o tecido da boca é estudado, já inflamado. (Journal of Dental Research, 1980, vol. 159, p.2793)

Outros animais têm fios introduzidos na base do dente para causar inflamação nas gengivas (British Dental Journal, 9.7.83). Cães tiveram suas gengivas separadas dos ossos para testar a toxicidade de produtos usados na indústria dentária, como resinas e soluções para bochecho e drogas.

Na experiência da vacina contra cárie, anos e anos os macacos comem doces e recebem aplicação de várias drogas para testes de vacina. Além da dor os animais sofrem o estresse do isolamento, das jaulas inadequadas e da dieta anormal para a espécie. Acabam ficando diabéticos.

Estas experiências são inaceitáveis, principalmente porque não têm validade científica. As cáries resultam de dieta inadequada e má escovação dos dentes. Servem, pois, para confundir o progresso, jamais preveniram uma só lesão bucal.

Segundo a British Union for the Abolition of Vivisection são os interesses comerciais que motivam estes experimentos e não a saúde humana. Quem se beneficiará com a venda das vacinas? Indústrias de chocolate, Coca e Confederações das Indústrias de Doces financiam estes experimentos que jamais beneficiarão o homem.

Bibliografia consultada:

Buav Factsheet - British Union for the Abolition of Vivisection

Tradução resumida de Edna Cardozo Dias

OS EXPERIMENTOS NA ÁREAS DA PSICOLOGIA E NEUROFISIOLOGIA

Muitos dos experimentos mais dolorosos se realizam no campo da psicologia. Um dos exemplos mais cruéis se refere a experimentos no cérebro de animais vivos, incluindo cortes, coágulos, remoção de tecidos cerebrais, assim como estímulos mediante choques elétricos e químicos. Em quase todos os experimentos se utilizam mais de dez animais. Mas, os mais frequentes são os experimentos cuja finalidade é averiguar a reação dos animais diante das diversas formas de castigo. Um castigo habitual é o eletrochoque. Os métodos utilizados pelos professores é naturalmente adotado pelos estudantes e, desse modo, torna-se possível obter um doutorado em psicologia eletrocutando os animais.

A fome e a sede são utilizadas não só como prêmio e castigo, mas na obtenção de resultados óbvios e triviais, como observação da morte e comportamento dos animais em inanição.

Harlow e Suomi resolveram desenvolver estudos sobre as privações sociais e tiveram a “fascinante” idéia de induzir animais à depressão construindo mães de trapo para os bebês mono. As conclusões não foram surpreendentes: uma criatura ultrajada procura proteção na mãe e a privação materna gera condutas anormais diversas.

Exposição ao frio e calor excessivo, febre experimental para observação do 1º EEG são outras formas de tortura. E, na verdade, os experimentos com os animais nada nos podem ensinar sobre os humanos.

Bibliografia consultada:

Liberation Animal - Peter Singer - pág. 55 a 83

OS ANIMAIS PARA FINS MILITARES

Desde a antiguidade os animais são utilizados em guerras. Antes de Cristo, os elefantes e cavalos faziam as vezes de tanques de guerra. Os camelos e dromedários, também, experimentaram as mesmas agonias e mortes em combates sangrentos. Os cães foram mobilizados desde o antigo Egito, quando eram lançados aos inimigos com pontas de ferro na coleira e, nas últimas guerras mundiais, munidos de máscaras de gás. Na época da pirataria, serpentes e abelhas eram lançadas contra o inimigo e, recentemente, gatos e carneiros carregados de explosivos. Em 1942, depois do ataque de Pearl Harbor pelos japoneses, os americanos largaram no Japão nuvens de camundongos munidos de mini-bombas incendiárias. Os golfinhos muitas vezes foram transformados em torpedos vivos, quando homens utilizavam a sua inocência para atos militares vergonhosos. Dos pássaros, a pomba foi a que mais utilizaram para fins militares, já que é dotada de excepcional faculdade de orientação, servindo de mensageira. Isto tudo sem contar os animais que são dizimados ocasionalmente por bombas, tanto silvestres como animais domésticos. Os campos são minados e os animais são assassinados no afã do homem de destruir outros homens e dominar outras raças.

É preciso desaparecer esta loucura destrutiva dos homens que se combatem. Praticamente não existe guerra entre os animais, no sentido humano do termo, apenas uma dura luta pela vida, ditada pela Lei da Natureza.

Usados para a guerra - O Instituto Sueco de Pesquisa para a Paz revela que fabulosas somas de dinheiro são empregadas em pesquisa de armas biológicas e químicas. Foi assim que os EUA gastaram milhões de dólares para importar macacos para suas experiências armamentistas.

O laser - Nos laboratórios de Wright-Patterson, Ohio, utiliza-se, cotidianamente, macacos e coelhos para experimentos. O raio laser é emitido em direção aos olhos, que entram em ebulição e explodem, causando cegueira definitiva. Nos primatas o calor intenso do raio queima a carne até os ossos em uma fração de segundos, restando apenas uma nuvem de fumaça (Science et Vie nº 670, junho 73). Um fuzil de laser químico portátil, atravessando um corpo colocado a 8 km de distância, deixa um buraco de 7 a 8 mm (como se sabe, a não ser com experiências?)

Arma nuclear - Utilizavam-se cabras. Continua-se a expor animais às terríveis queimaduras das explosões nucleares. Milhares de cães foram alimentados com alimentos que continham doses de radiação 200.000 mil vezes mais fortes que as suficientes para fazer sucumbir um homem em zonas de radioatividade. Conseqüência: queimaduras internas (Special Dernière, nº 204).

Arma necrosante - Experimentada em ratos. Ela destrói a mucosa por meio de gás e a presença de água neste momento faz com que o corpo se necrose e desapareça em fumaça (emitida pela televisão RTB). A arma de fósforo branco inflama o ar e deixa a vítima em carne viva durante meses.

Granada - Ao explodir libera milhares de partículas que penetram no corpo, numa trajetória sinuosa, provocando desgastes irreparáveis. A imprensa mostrou herbívoros em agonia com ensaios desta arma. Também mostrou as costas de humanos atingidos por este projétil, porque este experimento se fez, também, com os homens, na Indochina, durante a guerra do Vietnam.

Bomba explosiva CS - Destrói os pulmões e as vísceras. É experimentada em animais.

Bomba de cloro - Bem como a bomba desfolhante, queimam os corpos interna e externamente, já que a bomba atira dardos que não podem ser extraídos, causando uma terrível agonia. Sabemos com que terrível eficácia a bomba de “napalm” foi experimentada na Indochina.

Assim, as atividades de laboratórios preparam a guerra.

Bibliografia consultada:

La voix de bêtes - nº 83 - pág. 18

Folheto da Ligue Française contre la Vivisection

BELEZA SEM CRUELDADE

Para satisfazer seu próprio narcisismo o homem tem inflingido sofrimento a milhares de criaturas na produção de artigos supérfluos e para seus prazeres transitórios. Por trás da história de milhares de produtos de beleza existe o sofrimento e a crueldade. Segundo a American Fund for Alternatives to Animal Research, com sede em New York, estima-se que mais de um milhão de animais morrem, cada ano, em testes de cosméticos e produtos de beleza. Os fabricantes escondem do público os métodos obscenos que usam. Em 1979, na Inglaterra, 30.548 animais foram usados para testes de cosméticos. Os principais métodos usados são: irritação da pele, irritação dos olhos e ingestão do produto. É difícil imaginar, que alguém com o mínimo de consciência, continue a comprar cosméticos, fabricados às custas de tais abusos.

Teste de irritação da pele: Relata a American Fund for Alternatives to Animal Research, que os porcos da Índia são utilizados para testes de loções adstringentes e loções pós-barba. O método de preparação da pele para o teste é muito doloroso. Primeiramente, seu pelo é raspado. Depois, pressiona-se uma fita adesiva no local e puxa-se brutalmente. Repete-se a operação até a pele ficar supersensível. Então é colocado o irritante químico, que é coberto com ataduras e deixado por um ou dois dias, quando se examinar o estado da pele. (Não é preciso dizer que queimaduras são o resultado frequente). Este procedimento foi desenvolvido nos

EUA por dr. J.H. Draize e Food & Drugs Administration (FDA) e são agora rotineiros e conhecidos como “Draize patch test”.

Teste de irritação dos olhos: Um dos métodos de testar shampoos é pingar substâncias concentradas nos olhos de coelhos albinos, para avaliar o grau de irritação. Isto resulta em inflamação, inchaço, cegueira e destruição da córnea. Frequentemente, a substância é pingada por vários dias e a lesão é avaliada pela extensão da área injuriada. Para que os animais não se movam são imobilizados em aparelhos de contenção, de forma que a sua cabeça fique fora do aparelho, enfiada num orifício, de forma que não possam se mover. Os olhos são mantidos abertos com clips ou fita adesiva. Os animais não recebem tratamento, depois. Os coelhos são usados porque seus olhos não lacrimejam e, então, o produto não escorre.

É fácil imaginar como deve sofrer um coelho usado para testes de shampoo. Basta se lembrar como foi doloroso, você deixou cair sabão nos olhos. Mas, é claro, você podia enxaguar, o que não é o caso do coelho, que não pode se mover e não se testa nele o sabão doméstico, mas uma substância concentrada, que pode, até mesmo, destruir sua visão.

Ingestão: A ingestão forçada é lugar comum nos testes de batons, pó facial e make-ups. Os animais são forçados a ingerir grande quantidade de material e seus órgãos, frequentemente se queimam ou se rompem. O objetivo é verificar se o produto mata 50% dos animais e o teste se chama LD 50 (dose letal em 50%). O animal entra em convulsão e estado de choque quando o material é introduzido, por meio de tubos, em seu estômago. Sofre até a morte, pois qualquer intervenção prejudicaria o resultado do teste. Um teste imoral e absurdo, segundo Lord Platt, membro da Medical Research Council.

Ratos usados para testes de antiperspirantes: O rato é colocado de barriga para cima e suas patas são envolvidas em sapatos apertados, tipo tubos, para prevenir a evaporação de secreção úmida. O antiperspirante é colocado em uma só pata, para se fazer a comparação com o pé que não recebeu o produto.

Os estudos em animais são inconclusivos e insatisfatórios. A Liga de Prevenção da Crueldade contra o Animal, a exemplo da American Fund for Alternatives do Animal Research, sugere às pessoas que só comprem produtos que não tenham sido testados em animais (a entidade supra - AFAAR - tem uma lista de produtos que oportunamente serão divulgados pela LPCA, já que no Brasil as multinacionais tomaram conta deste mercado) e que não contenham produtos animal, exceto o mel, cera e lanolina.

MÉTODOS SUBSTITUTIVOS PARA EXPERIÊNCIAS EM LABORATÓRIOS

Técnicas que recorrem à química, às matemáticas, à radiologia, à microbiologia, e outros meios permitem evitar o emprego de animais vivos em experiências de laboratório.

Depois, que se descobriu ser impossível extrapolar ao homem as informações obtidas em experiências praticadas sobre animais vivos em razão da especificidade das espécies. Esforçou-se então para se encontrar métodos de experimentação mais eficazes. Estes métodos que substituem a vivisseção recorrem a um grande número de disciplinas, entre as quais a biogenética, as matemáticas, a virologia, a bioquímica, a radiologia e a microbiologia. Podemos ressaltar entre os métodos desenvolvidos a cultura tissular, a utilização de microorganismos e invertebrados inferiores, elaboração de modelos matemáticos, enquetes junto ao público e estudos epidemiológicos. Os meios audiovisuais são utilizados pelos professores nas escolas e pelos pesquisadores em seus trabalhos de rotina.

CULTURA CELULAR

As culturas celulares são cada vez mais usadas pelos laboratórios industriais e de pesquisa (sobretudo para vacinas) no estágio dos primeiros ensaios. Chama-se cultura celular a técnica que consiste em cultivar células isoladas fora de seu meio normal. Estas células são provenientes de fontes humanas, animais e vegetais. Os tecidos humanos podem ser obtidos na ocasião das operações cirúrgicas, biópsias, autópsias, ou retirados de fetos ou placentas. Os tecidos animais podem ser buscados nos matadouros ou em animais de laboratório

abatidos humanamente. As células podem viver, crescer e multiplicar mediante recebimento de substâncias nutritivas, fora de seu meio natural. Algumas têm um potencial de vida limitado, outras podem viver indefinidamente, permitindo estudos de vários meses. Um só doador é necessário. A cultura celular, também, é menos onerosa, produz resultados científicos mais confiáveis. O inconveniente é que o meio artificial da cultura pode provocar transformações estruturais e bioquímicas nas células ou a perda de alguma função específica. Outras pesquisas se fazem necessárias para solucionar este obstáculo.

UTILIZAÇÃO COMBINADA DE TESTES

Uma segunda técnica que implica a cultura de tecidos vivos é a cultura orgânica. Como seu nome indica ela exige a conservação em vidro de parte ou todo de um órgão de maneira a salvaguardar sua estrutura fundamental e seus caracteres bioquímicos. As culturas orgânicas são mais difíceis de conservar e são utilizáveis apenas durante algumas semanas.

As bactérias e os organismos unicelulares são frequentemente utilizados como instrumentos de experiência.

A utilização combinada destes testes com outros métodos tais como ensaios químicos, modelos matemáticos, enquetes epidemiológicas, não só reduzirá o número inaceitável de animais empregados nas escolas, laboratórios industriais e universidades, nos centros de pesquisas, como será proveitosa para os estudantes, os homens de ciência e o grande público.

CARTA MUNDIAL DOS ESTUDANTES POR UMA CIÊNCIA E UMA BIOLOGIA SEM VIOLÊNCIA

Como estudante ser-me-á reconhecido o direito e a possibilidade de estudar e exercer uma ciência que não impliquem em nenhuma violência;

Ser-me-á dada a possibilidade desta escolha materialmente, intelectualmente e moralmente;

Eu Terei Direito A Uma Cláusula De Consciência Para Recusar Prática Experimentais Violentas Que Me Sejam Impostas E Que Infrinjam A Declaração Universal Dos Direitos Dos Homens E A Declaração Universal Dos Direitos Do Animal;

Não se poderá exercer sobre mim, em um estabelecimento de ensino, sanções disciplinares ou administrativas porque eu invocarei esta cláusula de consciência;

Ser-me-á, também, reconhecido o direito de objetar contra aplicações violentas da ciência nas quais tentem me implicar;

Eu agirei com dignidade na minha reivindicação do direito ao estudo e ao exercício de uma ciência não violenta;

Eu Invocarei A Presente Carta Contra Práticas Experimentais Violentas Sobre O Homem E Sobre O Animal, Que Me Sejam Impostas Nos Meus Estudos Ou Na Minha Profissão;

Eu defenderei e divulgarei o espírito desta Carta para que a Ciência seja um caminho de compreensão, de simpatia e de paz para a humanidade, o animal e a natureza.

OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS? Eis um paradoxo. OU O ANIMAL É DIFERENTE DE NÓS E NESTE CASO A EXPERIÊNCIA NÃO TEM RAZÃO DE SER, OU ELE É COMO NÓS E NÃO LHE DEVERÍAMOS INFLIGIR PROCEDIMENTOS QUE NÃO ACEITARÍAMOS PARA NÓS MESMOS.

Bibliografia consultada:

Forum - março/82 - pág. 10 - RIDDE L. Rosemary - Expert Scientificque

TORTURA REFINADA

Na vivissecção os animais nunca são curados, pelo contrário, são inoculados com doenças.

Desde que Claude Bernard, em 1825, transformou os porões de sua casa em laboratório privado de vivissecção, a crueldade dos experimentos vem se tornando mais refinada.

No século XX, o famoso Ivan Pavlov, discípulo de Elia Cyon, que por sua vez era discípulo de Claude Bernard “descobriu” o que os gregos já sabiam: a lembrança do alimento podia provocar a salivação e imediata secreção de sucos gástricos no cão e no homem. Seu trabalho representa um monumento remarcável da futilidade da vivissecção.

O professor Monakow e o dr. Minkovsky da Universidade de Zurich desenvolveram diversas experiências em cérebros de gatos e cães, no curso das quais extirparam os olhos dos animais.

L'American Journal of Physiology, março 1923, conta que gatos foram aprisionados em sacos com a cabeça de fora e colocados perto de um cão furioso que latia, para observação do medo. Outros foram asfixiados para observação da morte.

A revista médica inglesa, Le Lancet, de maio de 1930, relata uma experiência sobre um grupo de cães cujos intestinos foram saturados para impedir a defecação. A morte se deu após uma agonia de 5 a 11 dias.

Arthur A. Ward, relata no Journal of Neurophysiology, março de 1947, EUA, que para medir as ondas cerebrais dos gatos injetou substâncias químicas em seus cérebros. Uma hora depois da injeção os gatos começavam a vomitar, gritar, ter espasmos, até chegar a um violento ataque de natureza epiléptica.

Experiência similar foi desenvolvida no Laboratory for Neuropsychiatry Researd, Baltimore, onde eletrodos foram aplicados no cérebro de gatos, levados a convulsões por choques elétricos. As experiências se prolongaram até a morte dos animais que chegaram a viver até três semanas (Proceedings of the Society for Experimental Biology and Medicine, vol. 65, 1947).

Os aparelhos de tortura foram se tornando mais refinados. Em 1942, R.L. Noble e J.B. Collip inventaram o Tambor Noble-Collip, onde os animais eram postos para rolar protuberâncias metálicas de instrumento rotativo, para “estudo” de choques traumáticos sem hemorragia, em animais não anestesiados.

A cadeira Ziegler, 1952, é uma cadeira onde o macaco se assenta com a cabeça e as grandes partes do corpo descobertas, propiciando toda sorte de manipulação.

A prensa de Vlalock foi inventada por dr. Alfred Blalock, podendo exercer pressão de até 2500 kg, com a finalidade de arrebentar os músculos das patas dos cães, sem quebrar os ossos.

O canudo de Collison costuma ser implantado no cérebro de gatos e macacos para facilitar a passagem repetida de agulhas hipodérmicas, eletrodos, etc...

Ressaltando a inutilidade das experiências, é bom lembrar que o American Journal of Physiology, outubro de 1949, descreve uma descoberta “remarcável”. Colocando-se massa indigesta, através de sonda, no estômago de cães, na hora da refeição comeram menos.

No centro químico da armada de Maryland, 1950, pombos colocados em ambiente com cinco graus negativos, para observação de quanto tempo poderiam resistir ao frio e à fome. Conclusão: levaram 114 horas para sucumbir.

Macacas que tiveram seu fluxo menstrual desviado para orifício artificial levaram anos para morrer. Conclusão: este método experimental pode prometer muito, outras experiência serão necessárias.

O American Journal of Physiology, vol. 194, nº 2, 1958, relata experiências em que os rins de cães foram

extirpados, concluindo-se que os cães sem rins são diferentes.

Para testes de tranqüilizantes combinações sempre novas são injetadas no cérebro dos animais, seja porque o público descobre a inutilidade dos produtos já existentes ou porque se torna impossível esconder a sua nocividade.

Excitantes, como NMA foram injetados em caudas de gatos, que apresentaram furor, tremuras, movimentos desordenados, etc...

O Journal of Comparative and Physiological Psychology, vol. 55 nº 1, 1962, conta que macacos rhesus aprenderam a saltar sobre uma prancha para escapar de choques. Depois colocaram dois macacos e uma só prancha.

Pombos drogados receberam choques em seus órgãos genitais, para se verificar se as bicadas que eram obrigadas a dar na chave para alcançar alimento, aumentavam com o castigo.

Para estudo do mecanismo da insônia vários gatos foram privados de sono até ficarem loucos. Nos testes de fumo os animais são obrigados a fumar 12 horas por dia, por toda a vida.

Todas estas atrocidades podem conceder um doutorado ou até um prêmio Nobel ao executor. Isto é vivissecção!

Bibliografia consultada:

Ces Bêtes qu'on Torture Inutilement - RUESCH Hans

Liberacion Animal - SINGER Peter



OS FALSÁRIOS DA MEDICINA

Vivissecção é o ato de praticar toda sorte de experiências em animais vivos, com o objetivo de executar experimentos em nome de ciência. A sua propagação se tornou possível graças a impostura e às subvenções que ela envolve. São, também, realizadas por indivíduos que desejam fazer uma carreira curta com publicação de trabalhos.

Os conhecimentos adquiridos com os experimentos em animais não podem ser extrapolados ao homem, em virtude da especificidade das espécies. As doenças artificialmente provocadas nos animais por inoculação, choques elétricos e feridas, nada têm a ver com as doenças adquiridas espontaneamente pelos homens. Muitas substâncias que são teratogênicas para os homens não são teratogênicas para os animais e vice-versa. As grandes catástrofes da farmacologia foram testadas em animais, como a talidomida, benoxapofrene, chlorofenicol, clioquinol, depo-provera, isoprenalina, stilboestrol, etc.

Outros medicamentos que não são nocivos para o homem são para certos animais como a aspirina, a insulina, a cortisona, a penicilina, o clorofórmio, etc.

Os vivissecionistas costumam dizer que a vivissecação é indispensável ao desenvolvimento da medicina e da biologia. No entanto, as grandes descobertas da medicina não são devidas à vivissecação.

A introdução da assepsia, de anti-sépticos, do éter, do ópio, do curare, da cocaína, da morfina, do clorofórmio e de outros anestésicos, que têm importância fundamental para a cirurgia, não se deve à vivissecação. Já a aquisição de habilidade cirúrgica só é possível através do contato cotidiano com os pacientes. É preciso ser primeiro um assistente e depois um cirurgião. Os animais são morfologicamente diferentes.

A descoberta de instrumentos e o conhecimento de fatos de vital importância para o diagnóstico, também nada devem à vivissecação como o termômetro, o microscópio, a bacteriologia, o estetoscópio, o oftalmoscópio, o raio X, a auscultação, o microscópio eletrônico.

O mesmo podemos dizer do desenvolvimento da vacinação e de todas substâncias com base na digitalina, atropina, iodo, quinino, nitroglicerina, radium, penicilina, só para citar os mais conhecidos.

Assim, a esperança de vida nada deve à experimentação animal. O prolongamento da vida humana e a conseqüente diminuição da mortalidade infantil se devem mais a uma melhor alimentação e hábitos de higiene, que aos novos medicamentos. A maioria dos remédios é só paliativo e não atinge a causa, além de gerar efeitos colaterais nefastos.

Ademais, as experiências efetuadas nos animais acabam por ser repetidas nos homens.

As experiências de Pavlov, que recebeu prêmio Nobel por torturar animais, são repetidas nos homens, até hoje, como métodos de se obter a lavagem cerebral.

As experiências neurológicas em que gatos e macacos têm seus cérebros perfurados, mutilados e traumatizados por choques elétricos só tiveram uma aplicação prática: têm servido aos regimes ditatoriais para aplicar torturas em prisioneiros políticos.

Depois que o prof. Delgado aplicou choques em macacos, o engenheiro eletrônico Shafer achou natural colocar eletrodos no cérebro de recém-nascidos.

Mais recentemente as vacinas de Aids estão sendo testadas no Zaire. As vítimas costumam ser seres que não podem protestar: órfãos, crianças abandonadas, débeis mentais e indigentes.

Nos EUA, onde o aborto é legalizado, conforme relata o livro "Babiers for Burnin", 1974, fetos foram vendidos para experimentação. Estando os bebês oficialmente mortos, foram mantidos vivos, sem que a mãe soubesse, para experiências diversas como o câncer, leucemia, transplantes, etc...

Apesar de ser extremamente cruel para os animais e um perigo para a saúde humana a vivissecação continua sendo feita pelas indústrias farmacêuticas, bélicas, cosméticas e outras, subvencionadas pelo governo, com o dinheiro dos contribuintes.

Uma das experiências absurdas são os testes de pesticidas e cosméticos nos olhos de coelhos albinos.

Milhões de animais são submetidos à ação de veneno, queimaduras, choques traumáticos até a morte, ao congelamento, a sirenes estridentes, extirpação de glândulas e órgão, são colocados para rolar tambor Noble-Collip e imobilizados em aparelhos de contenção para experiências sem anestesia. Outro crime é a aplicação do curare para imobilizar o animal, que continua consciente e sensível à dor.

Os psicotrópicos, que têm levado o homem ao vício, são, como qualquer outro produto, testados de forma ignóbil.

Nos testes de tranquilizantes um grupo de gatos, em geral 200, são confinados em espaço pequeno e recebem choques elétricos. Loucos de dor e terror se atacam. Feridos e agonizantes são substituídos por outros que recebem doses de tranquilizantes. Se o novo grupo de gatos leva mais tempo para ficar nervoso, o tranquilizante é considerado bom.

Para testar os analgésicos serra-se a cauda de gatos com uma pinça cirúrgica e registra-se seus gritos de dor. Depois da administração de analgésico a causa é serrada de novo e os decibéis são comparados com os precedentes. Usa-se, ainda, implante habitual de eletrodos no cérebro dos gatos para registrar ondas cerebrais dos animais submetidos a picadas e injúrias diversas.

Isto tudo só vem demonstrar que a vivisseção além de inútil é indigna do ser humano que se diz civilizado, só pode ser comparável à denúncia que a sustenta. Ela vem sendo praticada por razões de ganho fácil, carreira curta, curiosidade e sadismo.

Bibliografia consultada:

Ces Bêtes qu'on Torture Inutilement- RUESCH Hans - pág. 10 a 26

Les Faussaires de la Science - RUESCH Hans

Liberacion Animal - SINGER Peter

The Animal Welfare Institute - 1985 - Beyond the Laboratory Door

Schar-Manzoli Milly - 1987 - Guida di Farmaci e Vaccini

Le Tabou des Vaccinations - Shar Manzoli - 1994

Experimentation Animale - Lolemar Vernon - 1992

Manuale di Defesa Immunologica - Shar Manzoli Milly

Vivisection, Science or Sham - Kuprimel Roy

The Replacement of Animals in Biomedical Research

Ligue Suisse contre la vivisection - 1981

La parole des medecins de LIMAV - ATRA - 1990

Medici per l'abolizione della Vivisezione - ATRA - 1990

Vivisection is a Scientific Fraud - Ruesch Hans - 1985

Vivisection et Vivisectioners - Stiller Herbert e Stiller MaRGOT - atra - 1986

FRAUDE, VIOLÊNCIA E UM MUNDO POLUIDO

Hoje a violência reina em toda nossa sociedade: violência armada, violência química, violência energética, violência alimentar, violência sobre o meio-ambiente. Todo nosso sistema econômico e social se tornou um campo de batalha, onde a destruição foi elevada ao nível de doutrina, devendo conduzir à felicidade do homem. É aí que se situa a vivisseção.

A experimentação animal tem sido uma metodologia sistemática para avaliar a utilidade e os riscos ligados aos produtos introduzidos no nosso meio ambiente e que podem afetar o homem e a sua natureza: substâncias agroquímicas, substâncias industriais, os cosméticos, a radioatividade, os armamentos e toda gama de medicamentos.

Entretanto, mesmo quando os experimentos em animais ou estudos epidemiológicos sobre o homem indicam a toxicidade ou a cancerogenicidade de uma substância medicamentosa ou industrial, ela continua sendo fabricada em grande quantidade, ao invés de ser interrompida. Exemplo: o Stilboestrol, que no princípio dos anos 40 já se havia descoberto causar tumores em animais. Os primeiros casos de nocividade do enteroviofórmio e do mexafórmio (anti-diarréicos), para o homem, foram publicados em 1935. Em 1960 ele fez 11.000 vítimas no Japão, mas só foi proibido em 1979. Conhecemos os efeitos secundários graves do Butazolidin, Tanderil e Voltarem (anti-inflamatórios), mas estes medicamentos foram consumidos, em trinta anos por 180 milhões de pessoas.

Nas sociedades ocidentais, a pesquisa científica, particularmente a biologia e a medicina, são tidas como a

última verdade. Entretanto, no curso dos últimos anos, inúmeras fraudes científicas, cujos resultados foram falsificados ou inventados, foram descobertas e denunciadas no livro “The Betrayers of the Truth”, de W. Borad e N. Wade, como os casos de Andrea Doria, o do medicamento Naprosyn (antiartrítico), supostamente testado pelo Laboratório Bio-Test de Northbroo (1975) e o prof. Harl Illmensee (Suíça - pesquisa de transmissão hereditária de câncer). No afã de publicar trabalhos, angariar subsídios e ganhar prêmios acadêmicos, os pesquisadores falsificam suas pesquisas e as revistas científicas, bem como as autoridades universitárias são reticentes quando se trata de denunciar colegas.

Poucos medicamentos são capazes de curar definitivamente uma doença ou abreviar a sua duração. Segundo A. Lwoff, Prêmio Nobel de Medicina, 30% das doenças contemporâneas são oriundas de medicamentos, cujos efeitos secundários não são previsíveis com a experimentação animal.

Fala-se pouco na origem da Aids. A princípio dizia-se que ela veio de macacos verdes, da África, depois que um pesquisador teria sido mordido por animal ou que as vacinas de pólio, fabricadas com células de rins de macaco foram infectadas. Hoje, um número crescente de cientistas rejeita essas hipóteses e acordam em dizer que a Aids foi criada artificialmente pelo homem, em laboratório, seja por acaso, seja em pesquisas militares. A Declaração de Berna ressalta que o orçamento anual da OMS representa três horas do que é gasto com pesquisas militares. Estima-se que as despesas de três meses de armamento permitira alimentar a população do mundo por vinte anos.

Nós nos opomos à vivisseccção por que somos pela vida. Somos pelo respeito de seu equilíbrio, sob todas as formas e contra toda idéia de dominação, pois é ela que engendra violências destrutivas.

Bibliografia consultada:

Pasternack Denise - Supprimons la vivisection

Schar-Manzoli Milly - Sida Story

Os cães greyhounds, usados para corridas, quando param de ganhar nas pistas são mortos, abandonados à mingua ou envenenados. Outros são enviados a laboratórios de experimentação, onde são torturados, mortos e jogados na lata de lixo.

E não é só nos laboratórios que sofrem.

Passam a vida aprisionados e amordaçados.

Para aprender a correr, ou seja, para aprender a perseguir iscas mecânicas na pista, são usadas iscas de animais vivos (coelhos).

VIVISSECÇÃO, ABOLIÇÃO JÁ

os crimes contra os seres vivos não podem ficar impunes

O que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo (Jefe Settel - 1854)

Do ponto de vista ético, um dos maiores argumentos repetidos pelos experimentadores a favor da vivisseccção é que ela evita os experimentos com seres humanos, o que é contra a ética deles. Isto é falso! A experimentação humana se desenvolve de maneira oculta e paralela.

Em 1976, Ciba-Geigy pulverizou um pesticida, galecron, sobre plantações de algodão no Egito, onde trabalhavam voluntários, com idade de 10 a 18 anos. Nos anos 70, um eminente pediatra inoculou o vírus da hepatite B em crianças de 3 a 9 anos, no Institution Willow Brook, nos EUA, afim de estudar a doença. Entre 1971 e 1976, 12.000 pares de rins retirados de fetos, já no terceiro trimestre da gestação, foram mantidos vivos e enviados pela Japan Air Lines, de Seul aos Laboratórios Flow Inc (Maryland, EUA), filial da General Research Corp. Isto representou um frete de 2.073 kg em 517 expedições, em pacotes com a seguinte

etiqueta: “Órgãos humanos sem valor comercial”. Flow Inc revendeu as células 6.000 vezes mais caro que o preço de compra.

Na Inglaterra um feto só é considerado vivo com 28 semanas. Na Califórnia pode-se abortar durante toda a gravidez. A criança nascida do aborto é socialmente inexistente e até a idade de um ano servirá a experimentos médicos ou militares. Quando começar a andar, será morta e incinerada. Como os animais!

Durante vinte anos dr. White, em Cleveland, nos EUA, transplantou cabeças de animais e conseguiu manter vivas cabeças isoladas de macacos. Esta cena foi mostrada em uma cadeia de televisão suíça; dr. White segurando uma xícara de café com uma das mãos e uma cabeça viva com olhos desesperados; na outra, encharcada do sangue que escorria das narinas do animal. Com muito orgulho ele explicou que sua técnica estava pronta para ser utilizada com os homens. E assim foi. Paralelamente, nos EUA, em Cleveland e na Finlândia, em Helsinki, doze fetos de 12 a 21 semanas, extraídos por cesarianas, foram transportados vivos para os laboratórios e decapitados. A cabeça foi isolada cirurgicamente, mantida viva por perfurações e durante uma hora e meia os sábios estudaram o metabolismo cerebral dos glúcídeos.

Em 1981 a Squibb ofereceu US\$10.000 a três médicos para o fornecimento de 14 mulheres que desejavam abortar, mas que aceitaram esperar o fim da gravidez. Durante a gravidez foram infectados com medicamentos contra hipertensão arterial. Depois do aborto o recém-nascido foi dissecado para se estudar o efeito do medicamento.

Na área da química a Environmental Protection Agency abriu um crédito de 30.000 ao dr. R. Tabet para testar pesticidas em centenas de fetos. Na cosmetologia cremes para regeneração da pele são feitos com fetos abortados por cesariana. E os sábios não pararam aí. Os fetos são, ainda, utilizados para pesquisas nucleares, biológicas e químicas.

Não poderíamos deixar de lembrar da menina Baby Fae, que em 1984, morreu com um coração de macaco, na Califórnia. Nem das crianças usadas para manipulação genética na colônia alemã de Dignidad, no Chile, em 1987. Também as vacinas contra a Aids foram testadas em seres humanos no Zaire, segundo denunciou o New York Times.

E o que dizer da descoberta de uma quadrilha no Paraguai que teria em seu poder sete crianças brasileiras para a extração de órgão nos EUA? Segundo investigadores paraguaios, organizações de traficantes alugam no Rio de Janeiro ventres de mães indigentes, que são levadas a Assunção para ter os bebês e recebem previamente uma quantia pelos “serviços prestados”. Médicos inescrupulosos mutilam os corpos e extraem os órgãos vitais das crianças para utilizá-los posteriormente em transplantes que beneficiam apenas os ricos.

Para utilização de homens e animais, sem problemas de consciência e com a opinião pública, os primeiros são chamados pelos cientistas de material biológico e os segundos de detritos, objetos ou conjunto de células. E, assim, uma ciência biomédica doente e perigosa se edifica sobre a mutilação, o sofrimento e a morte dos seres vivos - **HOMENS E ANIMAIS.**

Bibliografia consultada:

M. Kalmar Jacques - La vivisection de l'animal au foetus humain

Supprimons la vivisection - Pasternack Denise

Sida Story - M. Schar-Manzoli Milly

ENGENHARIA GENÉTICA *ENGENHARIA* *GENÉTICA, UMA AMEAÇA*

Monstros poderão fazer parte de nosso dia-a-dia

Os extraordinários avanços da engenharia genética e da biotecnologia estão transformando em realidade sonhos da ficção científica.

A partir do momento em que a ciência aprendeu a mexer no código genético já foram criadas bactérias que evitam a formação de geadas, porcos que crescem mais e produzem mais carne comendo a mesma quantidade de ração dos porcos comuns e até bode com pêlo de ovelha. Em 1983 cientistas americanos produziram um animal com cabeça e chifres de cabras e corpo e pêlo de ovelha, que batizaram do geep, contração de goat (bode) e sheep (ovelha). Em agosto de 1987 a revista Nature noticiou a transferência de um gene de ovelha, responsável por um gene rico em proteína, para embriões de ratas, que cresceram e produziram leite com a proteína do leite de ovelha.

Também em 1987, no Congresso de genética, realizado em Roma, o cientista J. Morr. Jankowski denunciou que, na década de 60, nos EUA, uma fêmea de chimpanzé foi fecundada com sêmen humano e a gravidez continuou durante um mês, até ocorrer um aborto espontâneo. Esta experiência foi realizada por um especialista em patologia cromossômica, cujo nome não revelou.

No México, após 17 anos de pesquisa, a Universidade Nacional anunciou a geração da minivaca, conseguida através de “seleção natural intensiva”. A vaquinha fornece quatro litros de leite por dia.

E os franceses chegaram a produzir a vaca do traseiro avantajado, através de manipulação genética. Este ser sofria fraturas com facilidade e tinha dificuldade de ter parto normal.

Mais recentemente, o escritório de Patentes e Marcas dos Estados Unidos anunciou a concessão da primeira patente de um animal criado a partir de técnicas de engenharia genética e biotecnologia. A patente foi concedida a pesquisadores da Universidade de Harvard, que fizeram alterações genéticas no rato, a ser usado em pesquisas de câncer.

Não são apenas as armas nucleares que agora nos ameaçam, já que caminhos existem, que podem nos levar a uma guerra biotecnológica.

Já em 1984 o Wall Street Journal insistiu que a explosão de um laboratório de armas biológicas provocou uma epidemia de antraz na cidade soviética de Sverdlovski, em 1979.

Em 1968 um modelo matemático foi aplicado para criar uma epidemia de gripe em Hong Kong. E o mais diabólico é o esforço de militares, que trabalham no sentido de buscar um vírus semelhante ao da Aids, que por sua extrema capacidade de mudar torna ineficaz um antibiótico ou vacina.

O homem está enveredando por caminhos desconhecidos e perigosos e, se novas técnicas de transferência de genes forem aplicadas à pesquisa de armas biológicas, históricas de terror e monstros farão parte de nosso dia-a-dia.

O aparecimento de armas biológicas e a criação de seres de laboratórios nos levam a refletir sobre a necessidade de se controlar a ciência e a tecnologia.

ANIMAIS SÃO TRANSFORMADOS EM FARMÁCIAS VIVAS

Desde que o homem aprendeu a dominar a engenharia genética vem transformando as espécies animais, o que mais parece uma prática de alquimia negra.

Em Beltaville, no estado de Massachussets, porcos pertencentes ao Laboratório de Reprodução do Departamento de Agricultura dos EUA, receberam um gene adicional retirado de ratos, capaz de produzir a proteína WAP. O objetivo é fazer com que as leitoas se transformem em farmácias vivas, dando leite de rata para ser usado como bioreator e, dessa forma, produzir drogas cicatrizantes, antivirais e outras.

Outra mudança pretendida é a redução da quantidade de lactose no leite, para melhorar a qualidade dos sorvetes. Essa substância congela na forma de cristais, prejudicando a homogeneidade da massa. Como se vê a engenharia genética também pode servir para satisfação do paladar humano e melhores lucros na indústria alimentícia.

Do outro lado, biólogos norte-americanos acabam de dar um “grande passo” na busca de um substituto para o sangue humano. Pesquisadores da DNX, empresa de biotecnologia de Princeton, EUA, conseguiram fazer com que porcos geneticamente modificados produzissem hemoglobina humana (pigmentação do sangue que leva oxigênio às células). Os pesquisadores injetaram em três embriões de porcos, cópias dos dois genes responsáveis pela produção da hemoglobina humana. Segundo eles a descoberta é um marco na procura de um substitutivo ao sangue humano, ou seja, da força vital do homem.

Mais recentemente, os pesquisadores norte-americanos conseguiram criar, mediante manipulações genéticas, animais que produzem proteína humana em quantidade suficiente para formar verdadeiras granjas moleculares. Tudo começou quando os especialistas norte-americanos da Escola Veterinária da Universidade Tufts, de Grafton, desenvolveram cabras cujo leite contém uma proteína utilizada no tratamento de doenças cardíacas.

Outros cientistas escoceses do Instituto de Fisiologia Animal e Pesquisa Genética de Edimburgo obtiveram três ovelhas cujo leite contém uma enzima utilizada contra o enfisema.

“Graças” aos médicos Timothy Mac Donnel e Stanley Korsmeyer a humanidade “já conta” com um rato criado especialmente para desenvolver grandes populações de células B envelhecidas, capazes de, vagarosamente, formar linfomas malignos. Esses animais podem, também, causar anormalidade em outros genes que atuam na formação do câncer. Isto é uma grande oportunidade para a indústria farmacêutica fabricar novos medicamentos experimentais para cura do câncer. Apesar de existirem mais de 100.000 medicamentos disponíveis no mercado, os casos de doença crônica dobraram num período de 50 anos. E, segundo a Organização Mundial de Saúde, apenas duzentos medicamentos cobririam o absolutamente necessário.

Novas espécies de rato vêm se multiplicando. Cientistas americanos criaram ratos cujo cérebro acumula os mesmos depósitos fibrosos que caracterizam o Mal de Alzheimer. Até então, esta doença, que destrói lenta e progressivamente as células cerebrais ligadas à memória e ao raciocínio, não ocorriam em animais.

Desde setembro de 1991, a Continental Produtos Biológicos - multinacional sediada em Miami - está comprando cérebros de coelhos no Brasil, de onde adquire 40% da produção necessária à fabricação de tromboplastina - técnica utilizada em exames de laboratório para determinar o tempo de coagulação do sangue. O produto é transformado em pó em São Paulo. São necessários 1.200 cérebros para produzir um quilo de medicamento. São, portanto, sacrificados vários coelhos em favor de uma só vida humana. Ademais, é um negócio muito lucrativo, já que o quilo do produto está valendo de US\$ 700 a US\$ 1.000, no mercado internacional.

Uma empresa em Palo Alto, na Califórnia, está se preparando para fornecer um produto inédito: um rato que tem órgãos humanos funcionais em miniatura. Michael Mc Cune e Donald Mosier implantaram nos rins de ratos recém-nascidos, tecidos retirados de fetos humanos. Estes seres servirão para estudar as doenças humanas.

Na corrida para a cura da Aids, até os cavalos entraram no páreo. Aqui mesmo, no Brasil, foi noticiado que o cantor Cazusa, portador de Aids, engordou 15 kg graças ao tratamento com injeções à base de sangue de cavalo novo.

O sangue de cavalos vem servindo ainda, para a fabricação do medicamento suíço chamado Lymphoser, utilizado para a aplasia da série vermelha - doença que paralisa a produção de glóbulos vermelhos. Linfócitos produzidos pelo ser humano são injetados na corrente sanguínea do cavalo e o sistema imunológico do animal reage criando anticorpos. Depois de quatorze dias todo o sangue do animal é retirado para a fabricação do remédio. Depois de passar por esse processo umas cinco vezes, o cavalo fica tão depauperado que os cientistas o matam.

Em seu próprio benefício o homem tem se mostrado capaz de destruir quantas vidas lhe parecer necessário. “O atual homem civilizadamente bárbaro, acabou por se tornar o maior selvagem técnico de todos os tempos da história humana”. (Waldo Vieira)

A ecologia neo-humanista diz que devemos viver responsavelmente em todas as esferas de nossa vida individual, que devemos servir coletivamente a toda criação como se fora nossa pois toda vida é nossa família e o universo é nosso lar.

ANIMAIS DOMÉSTICOS CAVALOS TORTURADOS

Recentemente um jornal de circulação nacional denunciou as más condições de vida dos cavalos utilizados para produção de soros contra venenos de animais peçonhentos, nos Institutos Butantã e Vital Brasil. O que mais chocou a opinião pública foi a história de 814, um cavalo que foi utilizado por quatorze anos pelo Butantã. a vida média de um cavalo nesses institutos é de 4 a 5 anos, mas 814 resistiu não se sabe como. Suas costas sangravam continuamente, já havia perdido um olho, sofria terríveis cólicas de fígado e, mesmo assim, era envenenado e sangrado, como todos os outros. Representantes de diversas entidades, como Liga de Prevenção da Crueldade contra o Animal, Grupo Tucuxi, Apasfa e Uipa visitaram a Fazenda S. Joaquim, para apreender o animal, mas ele estava tão fraco, que não resistiria à viagem. Dias depois o Instituto divulgou a morte de 814 “por cólica noturna”. O laudo necroscópico divulgado pelo Butantã descrevia o fígado de 814 e mais dois animais que morreram no mesmo dia, como “em adiantado estado degenerativo”. 814 não era a única vítima, foi apenas um símbolo dos infelizes animais do Butantã.

O soro antiofídico é o único medicamento para o veneno de cobra, atualmente. A produção das ampolas no país é feita por três institutos de pesquisas: o Butantã-SP, Fundação Ezequiel Dias-MG e o Instituto Vital Brasil-RJ.

O processo da fabricação de soros consiste em se injetar veneno de cobra, escorpião ou aranha na região lombar dos cavalos para que seus organismos produzam anticorpos. O impacto do veneno é tão forte que ele precisa ser recebido em três dosagens. Os cavalos são amarrados em um tronco, sem chance de defesa e recebem em dias alternados, as doses do veneno. Cheios de dor arrastam-se até o cercadão, onde descansam alguns dias e voltam ao tronco para serem sangrados. Alguns dias de descanso e recomeça o martírio, que só termina com a morte do animal.

A solução é destinar novos incentivos para a pesquisa da produção de soro sintético, cuja pesquisa estava, primeiramente, sendo desenvolvida na Universidade Federal da Bahia, departamento de Imunologia, pelo dr. Manoel Barral e Antônio Pinto. O método consiste em isolar a crotovina - uma substância contida no veneno de cobra - e injetá-la no cavalo para produção de anticorpos. Esses anticorpos são fundidos com células do mieloma para a produção de anticorpos monoclonais híbridos, que podem ser mantidos em laboratórios por tempo indeterminado, também, reproduzidos em laboratórios em escala industrial, pela capacidade de multiplicação da célula.

Já o núcleo de Pesquisas de Produtos Naturais de Universidade do Rio de Janeiro vem estudando as possibilidades de se combater veneno de cobras, aranhas e escorpiões utilizando plantas medicinais e comprovou que a Eclipta Prostata, conhecida como erva-botão, tem propriedades antiofídicas, segundo anunciou seu diretor dr. Walter Mors.

O interesse pelo emprego das plantas como antiofídicos começou em 1980 quando o pesquisador japonês Koji Nakanishi verificou a eficácia do medicamento Específico Pessoa, remédio popular utilizado há anos pelos cearenses para neutralizar venenos de picadas de animais e fabricado pelo Laboratório Frota, Ceará.

NOVIDADE

Outra pesquisa de grande importância é a que vem sendo desenvolvida pelo Instituto Butantã e o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN) e que poderá levar à descoberta da primeira vacina antiofídica. Consiste na diminuição da toxicidade do veneno da cobra através da irradiação de raios gama, mantendo a sua capacidade de provocar no organismo a liberação de anticorpos que neutralizam o veneno. Se os pesquisadores conseguirem zerar a toxicidade mantendo a capacidade de fabricar anticorpos, a vacina estará pronta.

O método tradicional, que é secular, representa grande risco para a saúde, podendo ser considerado oncológico, pois o ser humano recebe células de outro animal. Além do mais os anticorpos que combatem o veneno se juntam a outros que não têm essa finalidade. Outro fator negativo do método é a grande distância entre o local do acidente e os centros de produção do antídoto. Um indivíduo picado por cascavel, por exemplo, tem de 8 a 10 horas para tomar o soro, depois do que entra em estágio irreversível.

AMIZADE E AFEIÇÃO



Absorvidos pelos problemas de sobrevivência pessoal o homem raramente é estimulado pela variedade e riqueza do mundo vivente, e sua própria condição de domínio conferiu-lhe uma sensação de isolamento dos outros organismos. Com o crescimento das cidades passou a conviver, apenas, com aqueles animais que trouxe para viver consigo; os cães, que trouxe para guardar a casa; os gatos, que trouxe para proteger os celeiros contra os roedores; as vacas, porcos, galinhas e outros animais que cria para consumo; os cavalos, burros e jumentos, que utiliza para transportes.

Com a chegada da era industrial o animal de estimação foi se tornando cada vez mais importante na vida do homem moderno. Sua função social na célula familiar cresce dia a dia, pois ele é uma compensação para o estresse, a solidão e a carência afetiva da vida hodierna. A evidência mostra que são até mesmo vitais para a saúde humana, dizem os cientistas. Podem baixar a pressão alta e prolongar a vida dos cardíacos. Ele é, às vezes, o único interlocutor de um fim de vida desesperançoso, fazendo o idoso se sentir útil. É o companheiro de uma criança deixada só em casa. Psicólogos e pediatras são unânimes em reconhecer que a responsabilidade que a criança forçosamente terá com seu animal de estimação despertará nela a responsabilidade coletiva, no mundo escolar e social; despertará nela o respeito ao próximo, sendo uma verdadeira aprendizagem de solidariedade e respeito à vida. É, também, seu primeiro contato com a natureza e a ecologia.

Em todos os níveis de escala social o homem tem sempre mais necessidade da companhia afetiva e desinteressada do animal. Mas, isto lhe impõe deveres que está longe de assumir plenamente. O número catastrófico de animais abandonados dão o testemunho cruel deste fato.

Antes de adotar um animal a pessoa tem que se conscientizar de que isso lhe impõe uma responsabilidade. Cada um tem o direito de possuir um animal de sua escolha, sob a condição de assumi-lo, respeitá-lo, não infringir as leis, não incomodar os vizinhos com barulho e falta de higiene. Ser responsável pelo animal é mais que oferecer-lhe comida e abrigo. Significa dar-lhe atenção, carinho, cuidados, mantê-lo a salvo dentro de sua propriedade e, muitas vezes, despende tempo e dinheiro quando ele estiver doente. Significa ser responsável por ele durante toda sua vida, abandonar um animal é um ato de muita crueldade. Significa, também, não deixá-lo cruzar de forma anárquica e poluidora, mas manter um controle de natalidade não deixando nascer animais que serão abandonados nas ruas. Os veterinários estão aptos a orientar as pessoas sobre os meios que podem ser utilizados para este controle, como esterilização, a vasectomia e os anticoncepcionais.

É muito importante, ainda, que cada um eduque o seu animal com gentileza, paciência e carinho. Os castigos são a pior forma de educar um animal, só servirão para torná-lo nervoso e amedrontado. Educar um animal não significa transformá-lo num robô e nem numa estrela de circo, significa ensiná-lo a conviver com o homem.

O bem-estar do animal exige uma constante atenção de seu dono, não apenas uma atenção quando isto convém a ele. A carência afetiva e solidão poderão causar problemas psicológicos no animal. Em troca de sua lealdade o animal merece seu carinho e sua atenção.

A CONVIVÊNCIA AFETIVA COM OS ANIMAIS

Entre os protetores dos animais são numerosas as pessoas que têm respondido ao apelo dos asilos e creches no socorro de seres humanos. Contudo, nos indignamos de constatar que as pessoas, frequentemente, culpam os proprietários de animais domésticos pela tragédia da fome. Na concepção dessas pessoas o animal está roubando o alimento do homem.

Repetimos que devemos nos sensibilizar pelo problema da fome e da miséria, bom como agir dentro de nossas possibilidades. Mas, é falso pensar que existe uma relação entre os pratos das crianças e os dos animais, e pensar que esvaziando uns, encheremos os outros.

A Comunidade Econômica Européia estoca excesso de carne, manteiga e produtos leiteiros. Malgrado essa produção excedente, o drama da fome e da miséria permanece. Ao problema da distribuição de alimentos podemos ajuntar o custo de transporte. O principal responsável pela fome é o sistema que implanta a injusta distribuição das riquezas e da terra.

O AMOR AOS ANIMAIS NÃO É UM LUXO

Porque aqueles que se revoltam com alimentação de cães e gatos não se indignam com a propaganda, que vemos na televisão, da alta costura, das jóias, da gastronomia refinada, das bebidas alcoólicas e de outras atividades luxuosas, que não são vitais, nem ao alcance de todos?

Já no que concerne à afeição ao animal, podemos dizer que é uma necessidade sentimental que atinge todas as classes sociais de nossa população. Em nossa sociedade industrializada, desnaturalizada, informatizada e robotizada, os animais são uma “compensação para os que, cada vez mais, se ressentem no plano afetivo.

Bibliografia consultada:

Animaux Magazine - março/abril/1985 - nº 1313 - NUNGESSER Roland - Président National de la SPA - França

Domestic - Animals - Humane Society of the United States

QUANDO O CAVALO É ESCRAVO

A primeira sociedade protetora dos animais foi fundada na Inglaterra em 1824 por um nobre inglês que adorava cavalos, a Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals, que hoje é talvez a mais forte do mundo e que mantém um abrigo para cavalos velhos e doentes.

Em 1845, na França, o Conde de Grammont, escandalizado com as brutalidades das quais os cavalos eram vítimas, fundou a Société Protectrice des Animaux, que até os dias de hoje continua atuante.

No Brasil, Maria Stael de Carvalho Palhinha publicou vários artigos em defesa dos cavalos nas primeiras décadas do século, que compilou no livro “Os Pósteros”, marco histórico da proteção animal em nosso país.

Os cavalos continuam, entretanto, sendo verdadeiros escravos da sociedade. São submetidos, geralmente, a trabalhos superiores às suas forças, sem descanso conveniente e alimentação adequada; são esporeados e chicoteados impiedosamente se têm dificuldade em subir ladeiras sob pesada carga; quando escorregam ou se assustam são igualmente castigados; são expostos a causticantes raios solares e ao frio excessivo. Quando a velhice os torna inválidos são levados aos matadouros ou estourados nos rodeios, ou abandonados à mingua.

Segundo o “Shopping News” de 19.07.81 (revista “Cães & Cia” nº 28, pág. 100) é assim que se mata um cavalo nos frigoríficos e matadouros do Brasil: “depois de permanecer por 24 horas sem alimento e sem água é colocado em uma estufa de altíssima calor. E, ainda com vida, tem as quatro patas cortadas, para que, com o suor abundante, seja eliminado de sua carne o odor que caracteriza os equídeos. Agonizante, é tonteado com marretas na cabeça e choques elétricos de alta voltagem. Tem o seu couro retirado e só então é abatido”. A carne costuma ser exportada.

As vítimas do Instituto Butantã são verdadeiros heróis. São criados na Fazenda S. Joaquim, em São Roque, perto de São Paulo. Nenhum deles tem nome. Durante a vida são envenenados e sangrados até a morte, pelo bem da humanidade.

Será isto justo? Parece que o homem no lento caminho da evolução vem alcançando sua inteligência plena em detrimento do altruísmo.

Deveriam, sim, nos lembrar que todo nosso passado foi construído no lombo destes servidores fiéis; fortes, porém pacíficos; pacientes, dóceis e amigos. Nós somos herdeiros de seu trabalho gratuito e deveríamos tratá-los com reconhecimento e humanidade. Em toda civilização deixaram o seu labor sofrido como herança a toda humanidade.

Como bem observa Pe. Vieira, autor de “O jumento nosso irmão”, os escravos não foram libertados pela Lei Áurea e sim pelos jumentos, que os substituíram em seu trabalho, comendo apenas uma espiga de milho por dia.

ANIMAIS SILVESTRES

CAÇA, UMA PERMANENTE AMEAÇA AOS ANIMAIS

Os primeiros seres humanos praticavam a caça de subsistência. Hoje, nossa espécie está atingindo cinco bilhões de indivíduos que caçam por quatro razões: por alimento, para proteger animais domésticos e plantações, por dinheiro (na venda de peles, couros e presas) e por esporte.

A África é o último continente onde os animais de caça ainda, são, considerados como um meio para prover alimento para as pessoas locais. Os colonos do deserto de Kalahari, na Botswana, e as tribos do Vale Bisa, no Zâmbia, são, talvez, os últimos sobreviventes de uma sociedade primitiva caçadora. Estudos de antropólogos, entretanto, mostram que nenhuma delas depende da caça para sobrevivência.

Uma sociedade que realmente considera a caça como meio essencial para sua prosperidade são os Inuits do Alasca, conhecidos como esquimós. Hoje, os Inuits perseguem as baleias com equipamentos sofisticados, pois os métodos tradicionais de caça estão extintos. Dizer que se caça para preservar a identidade cultural de um povo seria absurdo. Devem se preservar tradições positivas e harmoniosas e não a matança de baleias. A Terra não pode mais suportar a matança de uma espécie em risco de extinção, como a baleia branca, para garantir ganhos econômicos.

Fazendeiros, em muitos países, exigem que o governo permita a caça de animais silvestres predadores para prevenir perdas econômicas. Mas, como a seleção requer um conhecimento muito correto da estrutura da população da espécie, isto tem causado grandes desequilíbrios nos ecossistemas, como ocorreu com os crocodilos do Nilo, os cangurus da Austrália, a vicunha do Peru e os coiotes e lobos da América do Norte.

Caçadores com armadilhas matam milhões de animais silvestres em todo o mundo, todos os anos, por suas peles. A esta cifra acrescenta-se um adicional de outros milhões de animais abatidos anualmente em fazendas e criadouros comerciais autorizados pelos poderes públicos. Os animais usados para a indústria de pele são capturados em armadilhas pelas pernas. Esses equipamentos causam horas e até mesmo dias de sofrimento ao animal aprisionado, até que o caçador apareça e o estrangule. Tudo isso para a produção de supérfluos. Enquanto o incentivo econômico existir a caça ilegal das espécies continuará a proliferar, acobertada pelos criadouros autorizados e pela caça amadora.

A caça por esporte é também conhecida como caça amadora. Amador, como expressa Aurélio Buarque de Holanda, significa aquele que faz por prazer, não visa lucro. Esse é, pois, o grande objetivo para o esporte de caça feito pelos ricos. Quer seja um caro safári (hoje já contamos com pelo menos duas agências de safáris no Brasil), quer seja uma temporada de caça, o propósito é o mesmo - perseguir e matar animais inocentes por divertimento. Esse é um negócio fantástico, também, para os supridores de armas, munições, roupas e outros equipamentos de caça.

Qualquer que seja a razão alegada, a caça é uma atividade inaceitável, e de difícil controle, se considerarmos a incompetência, a omissão, a falta de estrutura e burocracia dos órgãos fiscalizadores.

A caça é uma repugnante herança da realeza européia. Não é nada ecológica, como defendem os aficcionados, pois trata-se de um assassinio e carnificina de animais. Se a perseguição de animais obcecava a nobreza, hoje a obsessão é sofisticar os meios de perseguição, captura e morte. As armas de longa distância não permitem à vítima sequer avistar ou pressentir o inimigo e emitir sinais de apaziguamentos ou se retirar em fuga. A caça só serve para fazer os homens selvagens, cruéis e destruidores.



A VERDADE SOBRE O MANEJO DA FAUNA

O principal argumento usado pelos caçadores, auto-intitulados ecológicos, para matar suas presas, é a necessidade de evitar a superpopulação de uma determinada espécie - naturalmente a que vai ser caçada. O equilíbrio ecológico numa cadeia alimentar acontece naturalmente, se houver vegetais para alimentar os vegetarianos. Esses mantêm os vegetais produtivos e alimentam os carnívoros, que por sua vez mantêm a população de seres vegetarianos em equilíbrio. Uma característica sábia da natureza é que existem mais vegetais que seres vegetarianos, e mais seres vegetarianos que seres carnívoros. A forma de se evitar o desequilíbrio é assegurar a existência de ecossistemas de tamanho necessário para suportar a vida dos animais silvestres.

A CAÇA DO SÉCULO XX

Os caçadores asseguram que a emoção da caça não é devida à morte, mas devido à busca. A expansão no negócio de criação de animais em cativeiro para posterior caça, conta uma história diferente. Os animais são aprisionados em jaulas e soltos, quando caçadores pagam altas taxas para neles atirar. Este tipo de caça, muito praticado nos EUA, prova de vez que ela é um assassinato. não é praticada para rastrear o animal, nem pela sua carne, nem para proteger o gado ou reduzir a alegada superpopulação da vida selvagem. É praticada por excitação, como no estupro seguido de morte. É socialmente inaceitável.

CAÇA COM CÃES

Na caça com cães o animal é perseguido, acuado e morto. O objetivo do caçador parece ser o de fazer sofrer a presa o maior tempo possível, com a perseguição implacável. O animal é levado à extrema fadiga, a ponto de morrer de infarto, se por acaso consegue escapar, ou é salvo por alguma pessoa. Se o caçador não atira nele, os cães o devoram vivo. Esta modalidade de caça não é prática, apenas, nas florestas. Existem as fazendas de caça, onde pode-se praticá-la, mediante pagamento em dólar, por cabeça de animal abatido. Disse Mantagne, que “para os caçadores, caçar sem matar era como ter relações sexuais sem ter orgasmo”. Para Thomaz Morus, “a caça é a mais vil, baixa e abjeta carnificina”.

A PEGADA DA MORTE

Um animal preso em armadilha de dentes demora muito para morrer... Durante dias e noites costuma tentar se livrar da armadilha, chegando a roer sua pata para se safar.-. Com a pata presa e ferida, ossos fraturados em contato com o gelo, experimenta a dor, o medo, a sede e a fome. De repente o caçador chega com seu porrete e o levanta para golpeá-lo. O animal, em seu desespero, pode dar um puxão tão forte para se livrar da armadilha, que se soltou, mas lá deixa sua pata. O caçador o alcança e desfere vários golpes em seu focinho e sua cabeça, até matá-lo sem estragar sua linda pele. Quinze minutos depois está morto.

MODA ASSASSINA

Os animais de fazenda de peles passam a vida em pequenas gaiolas, até a morte. Nas latas de lixo são jogados os corpos depelados dos animais executados em massa. Para preservar a pele são mortos por administração de veneno ou por electrocução. Presos em espaços exíguos, o tédio e o estresse do cativo, leva-os à loucura. Costumam bater a cabeça nas telas, desesperadamente, urrando e gemendo, sem que ninguém venha em socorro. Dezenas de animais são necessários para confecção de um único casaco. A perfeição das peles artificiais dispensa essa chacina injustificável.

ATIRANDO EM ESPÉCIES RARAS

Enquanto um grande número de espécies ameaçadas e em perigo estão sendo reduzidas, um número razoável de animais raros está sendo usado como alvo. Sejam lobos, ursos ou esquilos, os caçadores não resistem à tentação de eliminar a vida silvestre. Para os maiores troféus, para inclusão nos livros de recordes, molduras para parede, fotos de álbum e lucros rápidos, os colecionadores matam dentro e fora do nosso país. Além de ser cruel, a caça lança um futuro negro para as espécies sobreviventes no planeta. O urso cinzento está em perigo de extinção, não só por ser um belo troféu, mas porque na Ásia todas as suas partes são vendidas tal como peças de um carro desmanchado, para alimento e remédios.

Bibliografia consultada:

The American Hunting Myth - Baker Ron, 1985

Caça ecológica, aberração ética - artigo de Berna Vilmar, publicado no Jornal do Brasil, em 14/01/91.

Carta Aberta aos Ecologistas - Lanuza Cacilda - agosto de 1988 - Grupo Seiva

Revista National Geographic de setembro/1991 - volume 180, nº 3, pág. 106 a 132, tradução de Ana Maria Pinheiro

Animals Agenda - setembro de 1991 - artigo de Pacelle Wayne, tradução de Ana Maria Pinheiro.

TRÁFICO DE ANIMAIS

A importação de aves exóticas, especialmente de papagaios do Brasil, alcança níveis tão altos na Europa e EUA que a Environment Investigation Agency - EIA, publicou um relatório alarmante, em que descreve com detalhes e ilustrações fotográficas, as condições em que são transportados esses animais, muitos dos quais chegam mortos a seu destino. Este relatório, que recebeu o título "Vôo para Extinção" (Flight to Extinction) denuncia que a Comunidade Econômica Européia não instrumentaliza mecanismos para impedir esta depredação e penalizar a importação de pássaros raros.



MORTE MARCA COMÉRCIO ILEGAL

Os animais vendidos em feiras são torturados desde a captura. Nas exposições e transporte, vários animais são colocados na mesma gaiola, sem comida ou água, o que provoca um nível de estresse que, muitas vezes,

os leva à morte. Para os animais parecerem dóceis, e facilitar o transporte, as penas das aves maiores, como papagaios e araras, são cortadas ou mutiladas. Os olhos dos melros são furados ou as retinas queimadas com o calor de um cigarro. As aves, sem enxergar, não voam e ficam sobre os dedos de qualquer pessoa. Os pássaros canoros têm sua barriga machucada por compressão, e, assim, sentindo dor, não param de cantar, mas morrem, no máximo, dois dias depois.

VÔO FATAL

Na forma, o tráfico de espécies protegidas é semelhante ao de drogas, mas o primeiro leva uma vantagem: embora seja proibido, não é penalizado. Ou seja, a mercadoria é apreendida, mas o contrabandista não é preso. Por esta razão, o tráfico de drogas está ligado ao tráfico de animais, que além de não ser punido, serve de apoio para a lavagem do dinheiro de narcotráfico. Na Europa os principais pontos do comércio de espécies protegidas estão em Portugal, na Grécia, na Itália e, sobretudo, na Espanha. Atende a todo tipo de consumidor, a começar por comerciantes de pele, de marfim, de cascos de tartaruga, de bicos de ave, de troféu de parede e animais exóticos vendidos como animais de estimação.

BRASIL ABASTECE CARTEL

O Rio de Janeiro e a baixada fluminense são o pólo do comércio ilegal de animais. Somente na feira de Caxias pelo menos dois mil animais são vendidos a cada domingo. Em Feira de Santana-BA, no Centro de Abastecimento de Feira e até mesmo nas ruas Marechal Deodoro e Av. Senhor dos Passos, bem no centro, araras, papagaios, tucanos, gatos-do-mato e pássaros são vendidos e traficados para outros países. Na Amazônia os animais, além de traficados por via aérea, são levados via fluvial para o mercado de Iquitos, no Peru, e mercado Ver-o-Peso, em Belém-PA. Quanto mais raro o animal, mais alto o preço. Noventa por cento dos animais vendidos em feiras são aves. As domesticadas são mais caras que as recém-capturadas.

OS CIRCOS

No século XVIII, na Europa, artistas denominados genericamente saltimbancos, se exibiam em praças públicas: eram equilibristas, malabaristas, mímicos, saltadores, acrobatas, ilusionistas, dançarinos, domadores de animais, ventrílocos, etc... Nos meados desse século, criaram-se recintos de diversões populares, ao ar livre, onde se realizavam combates simulados a cavalo, provas de equitação, caça a servos e javalis e até mesmo lutas entre animais. Com o desenvolvimento do hipismo na Espanha, e principalmente, na Inglaterra, também surgiram companhias de “volteio”. Foi quando o inglês Philip Astley resolveu, ao inaugurar em 1770 o Astley’s Amphitheater of Arts, intercalar números de cavalos com espetáculo de saltimbancos. Assim se criou o primeiro circo moderno. Em 1783 Astley inaugurou, na França, o Amphithéâtre Anglois. As grandes capitais européias manifestaram total aceitação do novo gênero artístico. Em pouco tempo a nova arte se espalha pelo mundo todo, isso em parte devido ao nomadismo dos saltimbancos. Os circenses aventuravam-se por todas as regiões do globo, tendo destaque o palhaço, que com sua linguagem mímica vencida as diferenças idiomáticas.

No Brasil, apesar de se encontrar registro da presença de um equestre que dançava sobre cavalos em 1828, o Manuel Antônio da Silva, só em meados do século XIX é que o noticiário da imprensa passou a ocupar-se dos circos. Podemos citar companhias importantes como Circo Garcia, Circo Romano, Circo Orlando Orfei, Circo Mágico Tihany, Circo Panamericano, sendo que a maioria insiste em conservar o costume primitivo e cruel de exhibir animais.

Hoje não faz mais sentido a exibição de animais em circo no atual estágio da civilização. As crianças gostam do circo por causa do trapézio, do palhaço e dos acrobatas. O circo do artista Marcos Frota não exhibe animais em suas apresentações.

POR UM CIRCO SEM ANIMAIS - POR UM CIRCO MAIS HUMANO

A vida para um animal de circo é difícil e exigente. Os animais atores são vítimas patéticas de grandes

negócios. São exibidos e explorados para divertimento dos homens. Seus sentimentos são menosprezados e abusa-se do domínio do homem sobre eles. Estes animais necessitam mais de compaixão, que de admiração. O fato de serem obrigados a executar números contra a sua natureza deve provocar indignação e lástima, sendo uma diversão nociva, pois desperta o regozijo daqueles que infringem dor e sofrimento a outros seres vivos.

VOCÊ SABIA QUE EM 90% DOS CASOS NO TREINAMENTO DOS ANIMAIS DE CIRCO ELES SÃO:

- Treinados por meio de golpes, fome e espantosa crueldade?
- Encerrados dia e noite em pequenas jaulas com espaço necessário, apenas, para se porem de pé e nas quais viajam de um lugar para o outro por quilômetros?

ARENA DE EXPLORAÇÃO

Imagine-se passando o resto de sua vida num pequeno cômodo sem mobília, sem livros para ler, preso num caminhão que roda por várias horas, balançando de um lado para o outro na escuridão até que, eventualmente, pare e quando você possa olhar para fora veja sempre uma paisagem diferente para seus olhos. Depois de um pequeno repouso você é obrigado a entrar num palco cheio de luz e de barulho. E decida se quer saltar, fazer coisas engraçadas enquanto ao seu redor todos gritam e riem - de você! Um horrível pesadelo? Não, a vida de um animal de circo. Esses lindos animais que precisam viver em florestas passam a vida prisioneiros para diverti-lo. Você se diverte vendo-os degradarem-se dessa maneira? Já está crescendo o número de crianças que gostam de ver o animal como ele é e não acham graça nenhuma em vê-lo comportar-se de forma antinatural. E acham isto muito triste. Eles gostam do circo, do palhaço, do trapézio, do acrobata, da música e do excitação. E pedem um circo onde não se explore os animais. O leão não foi criado para viver numa carroça. O tigre, não foi criado para se exhibir sobre o dorso de um cavalo ou para saltar através de um círculo de fogo. O golfinho não foi criado para passar a vida num aquário sujo. O animal deve ser respeitado por aquilo que ele é e não por aquilo que fazemos dele depois de deturpar a sua natureza. Combater o racismo, aceitar o direito à diferença, é também, reconhecer que cada espécie animal tem sua personalidade. No circo, o estado psicológico e fisiológico dos animais é modificado. A promiscuidade, a exiguidade dos locais, a alimentação discutível das espécies encarceradas provocam uma agonia condenável. Esta responsabilidade cabe, também, ao público, que se deixa conduzir alheio à miséria animal, porque pagou para vê-lo em cenas que despertem medo ou riso, cenas exóticas e tristes, um cortejo de misérias.

Você sabia que os animais no circo são submetidos a condicionamentos cruéis para aprenderem o seu número? O elefante, desde filhote, é dominado pela torção das orelhas ou objetos que lembram ratos. As trombas e o septo não contam com proteção contra esses animais, por isso dormem com as trombas enroladas. São atingidos, também, por arpões. Os felinos, que não se submetem a prêmios e castigos, são dominados pelo chicote ou pelo fogo. Pelo menos uma vez na vida são queimados na testa para que não se esqueçam da dor.

É revoltante verificar que quando aplaudimos o “espetáculo” de exibição dos animais no circo estamos na verdade aplaudindo a vitória do homem sobre a natureza, o êxito absoluto na tentativa de se escravizar o animal - “vejam como sou mais forte e mais inteligente, vejam como eles estão inteiramente dominados, submetidos e entregue à minha vontade, aos meus caprichos” - vejam e aplaudam a humilhação e a violência do mais forte contra o mais fraco!

COMO ROMPER O CORAÇÃO DE UM ELEFANTE

Os elefantes começam a ser dominados, desde a selva, onde são capturados, antes mesmo de serem levados para os circos e zôos. Em Sumatra, conta a repórter, que nativos rodearam uma manada de elefantes, para proceder à captura, e os encurralaram usando gongos, matracas e rifles, para assustá-los. Os animais, em pânico, se deslocaram, correndo em direção ao curral, já armado, onde foram acuados. Foram, depois,

acorrentados de forma que a cabeça ficasse entre as estacas e que as orelhas os impedissem de escapar. As trombas foram mantidas amarradas, esta era uma parte da lição. A manada foi deixada dias com fome, recebia apenas água e alimentos suficientes para se deixar manejar. Escolheu-se um elefante, que foi levado para um cercado, onde entrou atraído pelo alimento, com as patas atadas, para que pudesse dar pequenos passos. Lá permaneceu por duas semanas, para a sua primeira lição. Foi montado por um mahout e recebia pequenas rações, até que se acostumou a ser montado. Chegou, depois, a hora da lição mais importante. Os nativos seguravam cordas amarradas em suas patas e tromba. A cabeça foi liberada do cepo, em que estava enganchada e amarrada. Aparentemente, o elefante estava livre, mas se tentava correr os homens puxavam as cordas presas às patas e ele tombava no solo. Depois de vários tombos, só caminhava onde era levado. Alguns homens caminhavam atrás do elefante e golpeavam-lhe a parte traseira com bambu. A parte mais delicada do animal se encontra na raiz da cauda, onde era golpeado sem piedade, sendo esfolado e até sangrar. Não lhe permitiam voltar a cabeça. Os homens que seguravam a corda atada à tromba, logo puxavam-na. Também, não podia correr, pois faziam-no tropeçar. O animal seguia, gemendo, debaixo do sol quente, que sua pele mal podia suportar. Então baixou a cabeça e ecoou um longo e estremecedor gemido. Com o coração e espírito rotos, reconheceu que estava à mercê dos demônios. Estava pronto para obedecer ao que lhe obrigassem a fazer. Recebeu comida, foi levado ao rio para banhar-se, já sem as cordas nas patas e nunca mais voltou ao cepo, onde permaneceu amarrado. Era um elefante domado.

Mas, nem sempre é assim. Certa vez um elefante resistiu, segundo relatou o sr. Boon, ao autor do artigo, e tentou atacar um homem, com sua tromba, recebendo um golpe que sacudiu todo o acampamento. Um mahout o montou, e puxaram-lhe as patas traseiras até que caiu de bruços, rolou pela terra, o corpo coberto de poeira. Quatro vezes foi derrubado e, depois, deixaram-no descansar até a tarde. Começaram tudo de novo, aplicando-lhe golpes de bambu e arrastando-o com as cordas. Como não se subjugava, um homem enterrou-lho um agulhão na cabeça e lhe fez cortes nas orelhas. Fizeram-no dar voltas e voltas, com o sangue escorrendo. Apareceu o Rajá, que repreendeu os treinadores e mandou que o elefante voltasse a ser amarrado no cepo, onde soltou gemidos por toda a noite. Condoído, o sr. Boon pegou o seu rifle e pôs fim a seu suplício, com um tiro.

Ao olhar um elegante treinador de circo em seu uniforme você crê que ele é um grande domador? O coração do elefante já foi rompido muito antes de que ele ou você pudesse tê-lo conhecido.

(Dados publicados no “Real New York”, em 25.02.1955 segundo relato de Brian O’Brien. Tradução resumida de Edna Cardozo Dias de publicação de “La voz de los Animales”, nº 38, 1984, México)

OS “CIRCOS’ MARINHOS

A detenção de golfinhos e focas para exibição em espetáculos aquáticos é chamada de Circo Marinho. Os cientistas, através de observações destes animais em liberdade, concluíram que possuem grande inteligência, o que nos faz refletir sobre a sensibilidade que possuem. Desde a sua chegada e aprendizagem experimenta a fome até aprenderem a executar o número. Triste destino têm que cumprir, pagando tal preço por sua beleza e sua docilidade. Estes animais cativos são obrigados a executar até quatro ou cinco vezes por dia números antinaturais para sua morfologia e fatigantes, dentro de pequenas bacias. As bacias são contaminadas por micróbios de águas que não são renovadas; os desastres são frequentes e os golfinhos são caríssimos. Os apresentadores apelam para a publicidade para recuperar os prejuízos e o público desavisado, é atraído aos espetáculos, mal informado sobre a vida dos animais, enquanto tais atrações são exportadas pelo mundo inteiro.

O lucro é o único objetivo dos diretores de circos, sem pensar que só a morte libertará estes animais de uma triste vida dentro de uma pequena bacia. **NÃO DEVERÍAMOS FORÇAR UM ANIMAL A EXECUTAR NÚMEROS QUE A SUA NATUREZA NÃO LHE PERMITE FAZER APÓS MILHÕES DE ANOS DE EVOLUÇÃO.**

Bibliografia consultada

La voix de Bêtes - nº 83 - pág. 32 e 33